

The background features a grid of globe icons in the upper half and a central illustration of a pastor in a white robe with a sash, holding a book and gesturing towards a congregation of silhouettes in the lower half. The entire scene is rendered in a light, monochromatic style.

CURSO BÍBLICO INTERNACIONAL

## **ENCONTRO COM A PALAVRA**

# **SERMÃO DO MONTE VERSÍCULO POR VERSÍCULO (Treinando Agentes de Transformação)**

**Apostilas 33**

**PR. DICK WOODWARD**

Toda glória e honra ao Senhor nosso Deus! Este material foi escrito e impresso pelo Ministério Cooperativo Internacional (ICM - International Cooperating Ministries) para ser uma bênção em sua vida.

É permitida a reprodução total e parcial deste livro sem a autorização por escrito do ICM, para uso pessoal e na sua igreja.

*“Portanto, fortifique-se na graça que há em Cristo Jesus. E as coisas que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confia a homens fiéis, que sejam também capazes de ensinar a outros” (II Timóteo 2.1,2).*



**Tradução em Português:** Ruth Gialluca

**Correção Ortográfica:** Lídia Damasceno Gialluca  
Marlene Frade

**Capa:** Paulo Sergio Baeta

**Editoração Eletrônica:** Jersio Dreissig

**Impresso no Brasil por:** Obra Impressa Gráfica e Editora Ltda.

**Supervisão Geral:** Pr. Leandro Ferreira  
E-mail: [pastorleandroferreira@gmail.com](mailto:pastorleandroferreira@gmail.com)

**1ª Edição:** Março/2005 = 1.000 exemplares

**2ª Edição:** Maio/2008 = 2.000 exemplares

**3ª Edição:** Março/2012 = 3.000 exemplares

**4ª Edição:** Maio/2015 = 3.000 exemplares

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> “O Primeiro Retiro Cristão” (Mateus 4:23-5:2) .....	7
<b>Capítulo 1</b> O Conteúdo do Sermão do Monte “As Atitudes do Vir Até Deus” (Mateus 5:3-6) .....	10
<b>Capítulo 2</b> “As Atitudes do Ir Para Deus” (Mateus 5:7-12) .....	20
<b>Capítulo 3</b> “A Tartaruga em Cima do Muro” (Mateus 5:13-16) .....	26
<b>Capítulo 4</b> “Justiça nos Relacionamentos” (Mateus 5:17-48) .....	31
<b>Capítulo 5</b> “Disciplinas Espirituais e Valores Verticais” (Mateus 6:1-34) .....	43
<b>Capítulo 6</b> “O Convite” (Mateus 7:1-29) .....	53



## CURSO BÍBLICO INTERNACIONAL ENCONTRO COM A PALAVRA

LIVROS	APOSTILAS	PROGRAMAS	WAV	MP3
Volume I	01 – Gênesis a Êxodo 02 – Levítico a Josué	Nº 001-030=30 Nº 031-056=26		
Estudo Panorâmico do V.T.	03 – Juizes a II Samuel	Nº 057-076=20	16 CDs	2 CDs
Volume II	04 – I Reis a Ester	Nº 077-090=14		
Estudo Panorâmico do V.T.	05 – Livros Poéticos: Jó a Cântico dos Cânticos	Nº 091-120=30	9 CDs	2 CDs
Volume III	06 – Casamento e Família I 07 – Casamento e Família II	Nº 121-138=18 Nº 139-153=15	7 CDs	1 CDs
Volume IV	08 – Profetas Maiores: Isaías a Daniel	Nº 154-179=26		
Estudo Panorâmico do N.T.	09 – Profetas Menores: Oséias a Malaquias	Nº 180-213=34	12 CDs	2 CDs
Volume V	10 – Introdução aos Evangelhos: Mateus 11 – Evangelhos de Lucas e João	Nº 214-249=36 Nº 250-273=24		
Estudo Panorâmico do N.T.	12 – Atos dos Apóstolos e Romanos	Nº 274-299=26	18 CDs	3 CDs
Volume VI	13 – I e II Coríntios 14 – Gálatas a Filemom	Nº 300-321=22 Nº 322-357=36		
Estudo Panorâmico do N.T.	15 – Hebreus a Apocalipse	Nº 358-393=36	19 CDs	3 CDs
Volume VII	16 – Os Valores de Cristo I 17 – Os Valores de Cristo II	Nº 394-411=18 Nº 412-429=18	8 CDs	1 CDs
Volume VIII	18 – I Coríntios Versículo por Versículo (1ª Parte) 19 – I Coríntios Versículo por Versículo (2ª Parte)	Nº 430-453=24 Nº 454-476=23	10 CDs	2 CDs
Volume IX	20 – Prescrições de Cristo I 21 – Prescrições de Cristo II 22 – Prescrições de Cristo III	Nº 477-490=14 Nº 491-503=13 Nº 504-517=14	10 CDs	2 CDs
Volume X	23 – O Ev. de João Vers. P/ Vers. (Cap. 1-3) 24 – O Ev. de João Vers. P/ Vers. (Cap. 4-7) 25 – O Ev. de João Vers. P/ Vers. (Cap. 8-10)	Nº 518-541=24 Nº 542-567=26 Nº 568-581=14	13 CDs	2 CDs
Volume XI	26 – O Ev. de João Vers. P/ Vers. (Cap. 11-13) 27 – O Ev. de João Vers. P/ Vers. (Cap. 14-16) 28 – O Ev. de João Vers. P/ Vers. (Cap. 17-21)	Nº 582-602=21 Nº 603-615=13 Nº 616-645=30	13 CDs	2 CDs
Volume XII	29 – Romanos I Versículo por Versículo 30 – Romanos II Versículo por Versículo 31 – Romanos III Versículo por Versículo 32 – Romanos IV Versículo por Versículo	Nº 646-668=23 Nº 669-687=19 Nº 688-704=17 Nº 705-719=15	15 CDs	2 CDs
Volume XIII	33 – Sermão do Monte Versículo por Versículo	Nº 720-772=53	11 CDs	2 CDs

### Nota Importante

O material que você tem em mãos é um complemento dos estudos que vêm sendo ministrados por uma rede variada de emissoras de rádio e pela internet nos sites [www.minibiblecollege.org](http://www.minibiblecollege.org) ou [www.desfrutedeus.com](http://www.desfrutedeus.com) e é enviado, **gratuitamente**, apenas aos ouvintes que estão acompanhando, regularmente, os estudos por uma dessas emissoras. Para recebê-lo, basta solicitar, escrevendo para o endereço divulgado no final do programa.

Por se tratar de um curso, é necessário responder o questionário de cada livro; com isto você garante o recebimento do próximo, bem como de um lindo certificado de conclusão ao término do curso.

## **Introdução (ao aluno iniciante)**

Quando você se aprofunda na Palavra de Deus e deixa que a Palavra transforme sua vida, coisas maravilhosas e tremendas acontecem.

Bem-vindo ao ENCONTRO COM A PALAVRA. Juntos faremos um estudo de toda a Bíblia, dividido em 33 apostilas, que compõem o total de 13 volumes. Essa jornada nos levará do Livro de Gênesis ao Apocalipse e nos dará uma visão panorâmica de cada livro da Bíblia. Observaremos a estrutura do livro, o seu contexto histórico e, o que é mais importante, buscaremos uma aplicação para nossas vidas, a partir do ensino de cada livro.

Algumas pessoas acham a Bíblia um livro confuso. Realmente, não é fácil relacionar os acontecimentos com a sua época e o seu significado. Mas, cada versículo da Bíblia é um pedacinho desse quebra-cabeça, cujo conteúdo é muito glorioso. Minha oração é que, no final dessa jornada, você tenha adquirido uma compreensão maior de cada livro da Bíblia, do modo como eles se completam, e possa situá-los dentro da história de Deus com o homem. No final, você terá uma compreensão de como Deus trabalhou nos tempos do Velho Testamento; terá também compreendido o que mudou com a vinda de Jesus Cristo e a razão da mudança; aquilo em que você antes cria no coração, será confirmado em sua mente, e você poderá testemunhar sua fé com mais confiança e conhecimento.

Espero que você faça todo o curso e convide outras pessoas para que nos acompanhem nesse estudo da Bíblia, o livro mais importante do mundo. Faça suas malas e prepare-se para embarcar. Estamos prestes a partir!

## **Ferramentas que serão utilizadas**

Segundo o apóstolo Paulo, a única maneira de não passarmos vergonha, quando se trata de Bíblia, é tornarmo-nos obreiros que manejem bem a Palavra. A única maneira de entender a Bíblia é saber usá-la. Por isso, o meu desafio é que você assuma o compromisso de estudá-la com dedicação e sinceridade. Nenhum livro merece mais dedicação e empenho da nossa parte que a Bíblia. Se você quiser se aprofundar ainda mais neste estudo, além de dedicação e empenho há outras ferramentas que o ajudarão a ir mais fundo no conhecimento das Escrituras.

Antes de qualquer coisa você precisa de uma Bíblia e, se possível, adquira mais de uma tradução. Você também vai precisar de um caderno para anotações.

Como qualquer outro trabalho, esse será cumprido com mais facilidade e atingirá melhores resultados, se você possuir as ferramentas certas. O estudo da Bíblia fica mais produtivo, quando se utilizam os recursos disponíveis. Procure equipar-se com as ferramentas que mencionamos e você se surpreenderá com os resultados.

# Apostila 33

## Introdução

### “O Primeiro Retiro Cristão” (Mateus 4.23-5.2)

Mesmo aqueles que não se identificam como seguidores de Cristo concordam com os Seus ensinamentos encontrados no “Sermão do Monte”. Intelectuais, políticos e poetas de todos os tempos já citaram porções deste ensino, sem mesmo saber quem foi o seu autor. Talvez não exista passagem da Bíblia mais citada e menos compreendida que este sermão de Jesus, que vamos estudar neste livro.

### O contexto do Sermão do Monte

É importante que tenhamos uma visão do contexto deste Sermão, antes de estudarmos o seu conteúdo. Mateus assim o descreve:

*“Jesus foi por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as Boas Novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo. Notícias sobre ele se espalharam por toda a Síria e o povo lhe trouxe todos os que estavam padecendo vários males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos, e ele os curou. Grandes multidões o seguiam, vindas da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e da região do outro lado do Jordão. Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos se aproximaram dele, e ele começou a ensiná-los, dizendo...”* (Mateus 4.23-5.2).

A partir daí, até o capítulo 7 do Evangelho de Mateus, encontramos os registros desse ensino tão profundo que Jesus proporcionou aos seus discípulos. O que você acha do cenário onde Jesus ministrou este ensino? Eu o chamo de “O Primeiro Retiro Cristão”. Este não foi apenas um sermão pregado nos montes que conhecemos hoje, mas um ensino de Jesus que consideramos um retiro no topo de uma montanha.

Depois de três anos de ministério, Jesus passou Suas últimas horas recolhido em um cenáculo com os apóstolos, os quais Ele tinha recrutado e ensinado antes de ser preso e morrer na cruz. Foi neste cenário que Jesus fez o Seu sermão mais longo, que eu chamo de “O Último Retiro Cristão” que Jesus teve com Seus discípulos (João 13-17).

No texto transcrito está a descrição que o evangelista Mateus fez do cenário do Primeiro Retiro Cristão. Jesus estava curando todos os

doentes entre aqueles que estavam reunidos junto aos montes do Mar da Galiléia. De acordo com Mateus, eles *“estavam padecendo vários males e tormentos: endemoninhados, epiléticos e paralíticos”* (Mateus 4.24).

A multidão que se reuniu junto aos montes do Mar da Galiléia tinha viajado desde a *“Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e da região do outro lado do Jordão”* (25). Eram necessários quatro dias para ir do Jordão até a Galiléia, onde Jesus estava curando toda aquela gente.

Hoje, em muitas culturas, todos estes problemas já foram institucionalizados: os doentes, os mentalmente desequilibrados, os velhos, todos estão longe dos nossos olhos e das nossas mentes. Quando Jesus organizou o Seu retiro, todos estes problemas estavam ali, visíveis, no meio da multidão reunida junto ao Mar da Galiléia.

Nos dias atuais, em seminários voltados para executivos, aprende-se que para ser um bom líder precisa-se aprender a analisar, organizar, delegar, supervisionar e, depois, agonizar! Desta mesma forma, Jesus preferiu não ministrar cura para todo aquele povo; ao invés disso, convidou alguns dos Seus discípulos para se reunirem com Ele naquele monte (Marcos 3.13).

Isto dividiu a multidão em dois grupos: no sopé da montanha ficaram aqueles que eram parte do problema e, no topo da montanha, com Jesus, estavam os que queriam ser parte da Sua solução para todos os problemas dos que se encontravam no sopé da montanha.

Jesus sabia que, pelo pouco tempo que tinha na terra e por causa das limitações de um corpo humano, Ele jamais poderia resolver todos aqueles problemas sozinho. Por isso, Ele *“analisou”* a situação e *“organizou”* uma estratégia, a fim de usar frágeis seres humanos para porem em prática o Seu plano. Assim, Ele organizou o Primeiro Retiro Cristão. Pela maneira como Ele o fez, podemos dizer que Ele estava lançando o seguinte desafio: *“Vocês são parte do problema ou da solução?”*

João, fazendo referência à multiplicação de pães e peixes, diz que, quando vieram grandes multidões, que viam os sinais operados por Jesus, Ele sentou-se no monte com Seus discípulos (João 6.1-3). O Evangelho de João foi escrito várias décadas depois dos Evangelhos de Mateus e Marcos. João, provavelmente, tinha conhecimento do que Mateus tinha escrito, mas tinha outras prioridades, por isso não se preocupou em descrever o contexto, no qual Jesus pregou este Sermão. Foi Mateus quem deu maiores detalhes sobre o conteúdo



do Sermão do Monte.

Um teólogo resumiu a idéia do contexto, no qual foi dado este ensino, dizendo que Jesus apresentou três verdades muito profundas com o cenário deste Sermão. Ao chamar Seus discípulos para serem parte da Sua solução, vemos a crise que acontece, quando alguém decide se tornar cristão. As oito bem-aventuranças constituem o perfil do caráter dos que fizeram tal escolha. As quatro metáforas que vêm logo depois das bem-aventuranças, bem como todo o restante do ensino constante nos capítulos 5, 6 e 7, mostram o desafio que se apresenta, quando um cristão impacta uma sociedade pagã.

Com esta breve introdução, peço a Deus que, juntos, consigamos entrar na Palavra de Deus e que a Palavra de Deus entre em nós. Estude o Sermão do Monte, pois tenho certeza de que a sua vida será transformada, tal qual a dos discípulos que subiram àquele monte, ouviram aquelas palavras e viraram o mundo de ponta-cabeça.

# Capítulo 1

## O Conteúdo do Sermão do Monte “As Atitudes do Vir Até Deus” (Mateus 5.3-6)

Jesus Cristo pregou este Sermão, desafiando aqueles que professavam ser Seus discípulos a se posicionarem estrategicamente entre o amor de Deus e a dor dos feridos deste mundo. Jesus os desafiou a se associarem a Ele e serem canais do Seu amor, concluindo este Sermão com o chamado para um comissionamento; depois, escolheu doze homens, que tinham ouvido o Seu Sermão, para serem Seus “apóstolos” ou “enviados”, os quais viveram e morreram por Jesus, fazendo outros discípulos por todo o mundo.

Depois de conhecermos um pouco do contexto deste Sermão, estamos prontos para estudar o seu conteúdo. A Bíblia registra: *“Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados. Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos”* (5.3-6).

Jesus iniciou o estudo que deu aos Seus discípulos, falando sobre oito atitudes, chamadas “bem-aventuranças”, porque cada uma é precedida da expressão “bem-aventurados”. Jesus prometeu bênçãos ao discípulo que tiver aquelas atitudes. A palavra “bem-aventurado” significa “feliz”, “espiritualmente próspero” ou “em estado de graça”. Cada atitude está ligada a uma promessa, mas o cumprimento desta promessa está condicionado à prática da atitude.

As oito atitudes ensinadas por Jesus neste Sermão definem o perfil da perspectiva de vida de um discípulo de Cristo. O contexto, no qual Jesus as ensinou, mostra que cada perspectiva fará dos discípulos de Jesus parte da solução e da resposta do Senhor, para todo o sofrimento do mundo, representado pela multidão ao pé da montanha.

Como discípulos de Jesus, quando decidimos ser parte da solução e não mais parte do problema, a primeira coisa que devemos fazer é estudar essas atitudes até que compreendamos bem, e façamos o compromisso de praticá-las todos os dias das nossas vidas. Lembre-se que as bem-aventuranças constituem este Sermão; o restante do ensino de Jesus é a aplicação das mesmas.

Mais adiante, Jesus ensina que ter as atitudes corretas é a dife-

rença entre uma vida cheia de luz (pureza, verdade e alegria) e uma vida de trevas e infelicidade (Mateus 6.22,23). Jesus assevera que, quando nossas vidas estão cheias de trevas, decorrentes de atitudes erradas, elas podem ser muito densas e a infelicidade muito grande.

Também podemos acrescentar que quando pessoas como Adolph Hitler, Joseph Stalin e outros líderes do mal praticam genocídios, porque têm uma perspectiva errada, suas atitudes redundam em trevas para a vida de milhões de pessoas. Por isso, Jesus pregou e aplicou em Seu primeiro retiro o que chamamos de um “Chek-up do pescoço para cima”.

### **“As atitudes do vir até Deus”**

AS oito atitudes dividem-se em dois grupos de quatro. Existe um padrão presente em toda a Bíblia que emerge, quando Deus recruta os líderes para Sua obra. Os líderes têm o que podemos chamar de “experiências do vir” e, depois, têm as “experiências do ir”. Eles têm um encontro marcante quando vêm até Deus e, depois, um ir frutífero, quando vão e partem para Deus. As quatro primeiras bem-aventuranças referem-se às atitudes do vir até Deus; as outras quatro bem-aventuranças relacionam-se às atitudes do ir para Deus.

Certas características como, por exemplo, o talento podem ser desenvolvidas isoladamente, mas o caráter se desenvolve nos relacionamentos. As quatro primeiras bem-aventuranças são desenvolvidas no topo da montanha, num relacionamento individual com Deus, ou no quarto, em secreto, como Jesus se referiu em Mateus 6.6. Aprendemos e cultivamos as quatro primeiras bem-aventuranças, através de um relacionamento individual com Deus, mas o segundo grupo de bem-aventuranças é cultivado, através dos nossos relacionamentos com outras pessoas.

### **Os pobres em espírito**

A primeira bem-aventurança é: *“Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus”* (Mateus 5.3). Esta primeira bem-aventurança tem algo a ver com a pergunta que os líderes religiosos fizeram a João Batista: *“Que diz você acerca de si próprio?”* (João 1.22). Se não tivermos a atitude correta em relação a nós mesmos, jamais seremos uma das soluções do Senhor.

A promessa decorrente desta atitude diz respeito à vida que já temos com Jesus Cristo, se já O temos como nosso Senhor e Salva-

dor pessoal e nosso Rei. Ser parte do Reino dos céus é o mesmo que sermos súditos do Rei dos reis e Senhor dos senhores, daquEle que é a Solução. Esta é a primeira bem-aventurança que temos, se fizermos parte da solução que Cristo quer oferecer aos feridos e quebrantados deste mundo, através dos Seus discípulos.

Estudiosos afirmam que a expressão “pobre em espírito” também pode ser traduzida por “quebrantado de espírito”. Isto quer dizer que esta atitude se relaciona a quebrantamento, uma característica presente na vida daqueles que Deus chama e prepara para um ministério especial. Ao ler as Escrituras, observe como Deus ensina esta bem-aventurança àqueles a quem Ele chama para realizar grandes obras, para Sua glória. Como exemplo, podemos citar Jacó, que passou por um quebrantamento, quando lutou uma noite inteira com um anjo (Gênesis 32.24-30).

Pessoas como Jacó, Moisés e o apóstolo Pedro tiveram que aprender três lições, enquanto Deus os fez pobres em espírito. Eles aprenderam que não eram ninguém; aprenderam que eram alguém e, depois, aprenderam o que Deus pode fazer com alguém que aprendeu que não é ninguém.

A primeira bem-aventurança que Jesus ensinou pode ser expressa com as seguintes palavras: “Você é abençoado, quando está no fim da sua corda, com bem pouco de você e muito mais de Deus e do governo dEle sobre a sua vida” (5.3).

O estado de graça do pobre em espírito também pode ser descrito com a palavra humilde. A humildade é um conceito difícil de compreender. Se você se acha humilde, provavelmente não o é!

Certa igreja deu ao seu pastor uma medalha de mérito por humildade, mas teve de pegá-la de volta, porque o pastor aparecia na igreja todos os domingos com a medalha pendurada no pescoço!

Mostramos que temos humildade, quando oramos: “Senhor Deus, eu não sou solução para nada. Eu não posso nem mesmo resolver os meus próprios problemas; como vou resolver o problema dos outros? Mas eu sei que o Senhor pode resolver; o Senhor é a Solução. Se o Senhor estiver em mim e eu viver um relacionamento com o Senhor, então terei o potencial para ser veículo da Sua solução para as pessoas que aparecerem no meu caminho”.

## Os que choram

A segunda bem-aventurança é: *“Bem-aventurados os que cho-*

*ram, pois serão consolados” (5.4). Jesus deu uma lição a respeito de valores. Você se acha abençoado, quando está em choro? Jesus prometeu uma bênção especial e consolo em seus momentos de choro. Ele disse claramente que aqueles que choram são abençoados!*

Salomão, o homem mais sábio do mundo, escreveu: *“É melhor ir a uma casa onde há luto que a uma casa em festa, pois a morte é o destino de todos; os vivos devem levar isso a sério! A tristeza é melhor que o riso, porque o rosto triste melhora o coração. O coração do sábio está na casa onde há luto, mas o do tolo, na casa da alegria. Quando os dias forem bons, aproveite-os bem; mas, quando forem ruins, considere: Deus fez tanto um quanto o outro, para evitar que o homem descubra alguma coisa sobre o seu futuro”* (Eclesiastes 7.2-4, 14).

Em outras palavras, “Bem-aventurados os que choram”. Nesta passagem, Salomão afirma que ir para um velório e olhar para o corpo da pessoa que deixou este mundo nos faz refletir que um dia será o nosso corpo que será enterrado, mostrando que o seu sistema de valores estava de acordo com o que Deus nos quer ensinar, quando vamos a um velório. Por isso, é melhor ir a um velório que a uma festa.

Muitas vezes os crentes têm a convicção enganosa de que se mostrarão fracos se chorarem por causa da morte de alguém querido; no entanto, Jesus foi ao velório de alguém que ele amava e chorou, ao que disseram: *“Vejam como ele o amava!”* (João 11.35,36). A interpretação e aplicação preliminar que fazemos desta bem-aventurança é que não devemos jamais suprimir a nossa dor.

Paulo escreveu que, quando perdemos um ente querido, crente em Cristo, não precisamos lamentar como os incrédulos, que não têm esperança de ver os queridos uma vez mais (I Tessalonicenses 4.13). Quando Davi perdeu um dos seus filhos, mostrou esperança e a dor do choro de quem teme a Deus, quando disse: *“Mas, agora que ela morreu, por que deveria jejuar? Poderia eu trazê-la de volta à vida? Eu irei até ela, mas ela não voltará para mim”* (II Samuel 12.23). Nossa esperança é que um dia veremos no céu aquelas pessoas queridas que também conheciam Jesus Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas. Entretanto, ainda choramos, porque sabemos que vamos passar o resto dos nossos dias aqui na terra sem aqueles que se foram.

Se quisermos descobrir a bênção e o consolo que Jesus prometeu aos que choram, devemos deixar que Deus use o nosso choro para nos conduzir a três pontos. Devemos permitir que nosso choro nos leve a fazermos as perguntas certas, talvez pela primeira vez em

nossas vidas. Existem pessoas que vivem a vida toda sem fazer as perguntas certas. Porém, existem perguntas que Deus quer que façamos, quando choramos.

Jó é um bom exemplo disto. Ele perdeu dez filhos, todos os seus bens e, depois, também perdeu a saúde. Durante todo o sofrimento de perda, Jó permitiu que o seu choro o levasse a fazer as perguntas certas e à reflexão: *“Mas o homem morre e morto permanece; dá o último suspiro e deixa de existir. Assim como a água do mar evapora e o leito do rio perde as águas e seca, assim o homem se deita e não se levanta ... Quando um homem morre, acaso tornará a viver?”* (Jó 14.10-12,14a). Este é um exemplo do tipo de pergunta que Deus quer que façamos.

Outro ponto ao qual Deus quer nos levar é o de escutar as respostas dEle às perguntas corretas que fazemos. Jó obteve uma resposta maravilhosa no pior momento do seu sofrimento, quando recebeu uma revelação Messiânica. Ele exclamou: *“Eu sei que o meu Redentor vive e que no fim se levantará sobre a terra”* (Jó 19.25).

Deus pode nos dar revelações maravilhosas, como fez com Jó, mas a Bíblia já está repleta de respostas de Deus às perguntas certas. O Salmo que eu mais gosto é o 23, o “Salmo do Bom Pastor”, onde eu encontro várias respostas.

Jesus deu uma boa resposta, quando foi àquele velório e chorou, desafiando outra pessoa que chorava com as seguintes palavras: *“Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim não morrerá eternamente. Você crê nisso?”* (João 11.25,26).

Esta pergunta nos leva ao terceiro ponto, através do qual Deus quer que alcancemos a bênção prometida por Jesus aos que choram: se queremos descobrir a bênção e o consolo que Jesus prometeu aos que choram, devemos permitir que o nosso choro nos leve ao ponto de crer e confiar nas respostas de Deus às perguntas certas.

Quando cremos nas respostas que Deus dá às perguntas certas, descobrimos que a bênção e o consolo que Jesus prometeu aos que choram é o que a Bíblia chama de “salvação”, através da qual podemos experimentar o livramento, a libertação da dor ou da depressão. Podemos ter a maior experiência de nossas vidas, quando o nosso choro nos levar a perguntar, a escutar e a crer.

O contexto deste ensino revela outra interpretação e aplicação para a segunda bem-aventurança. A estratégia de Jesus neste retiro

é: “Olhem para baixo. Vocês estão vendo aquelas pessoas no sopé da montanha? Estão todas feridas. Vocês realmente acham que podem ir lá e serem parte da solução e resposta para seus trágicos problemas, sem jamais se machucarem?”. A palavra “compaixão” significa “sentir com”. Como você acha que pode se sentir ferido como alguém, se nunca foi ferido?

Alguém já disse que “um evangelista é como um mendigo contando a outro mendigo onde está o pão”. A pessoa que já foi ferida, curada e consolada por Deus é “um ferido contando a outro onde e com Quem encontrar o consolo”. Muitas pessoas vão dizer que crêem em Deus, mas que não O conheceram até que passaram por um sofrimento, para o qual só Deus poderia oferecer o consolo. Quando essas pessoas foram levadas a descobrir o Consolador, passaram a desfrutar um relacionamento íntimo com Deus.

Existe um dito popular que expressa bem a segunda bem-aventurança: “Você é abençoado, quando sente que perdeu algo de muito valor em sua vida, porque só então você pode ser abraçado por ele. Ele que realmente lhe é mais precioso”.

Descobrimos outra revelação nessa segunda bem-aventurança, quando a combinamos com a primeira. O processo de aprendizado que nos leva a sermos pobres em espírito é experimentado, geralmente, com pranto e medo de um fracasso pessoal, o que, no entanto, é a ferramenta preferida de Deus para nos convencer de que não podemos fazer nada sem Ele. Antes de Deus começar a usar Moisés e Pedro poderosamente, os dois passaram por experiências dolorosas até aprenderem que eram pobres em espírito.

## Os humildes

A próxima bem-aventurança ensinada por Jesus tem a ver com o que desejamos: *“Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança”* (5.5). O que é ser humilde? Talvez esta seja a palavra mais confundida e mal aplicada das oito bem-aventuranças. Humildade não é fraqueza. Jesus falou que era “humilde de coração” (Mateus 11.29). As Escrituras mostram que Jesus foi humilde, mas nem um pouco fraco.

Podemos compreender melhor o significado bíblico da palavra “humilde”, através da figura de um cavalo selvagem. Um cavalo que ainda não foi domado é um animal forte e tempestuoso. Aqueles que entendem do assunto sabem como colocar lentamente o freio na boca

do cavalo, as rédeas e, depois, a sela nos seus lombos. Demora algum tempo até que o cavalo aceite ser controlado pelo freio e pelas rédeas, e que alguém consiga sentar-se na sela colocada sobre ele. Depois que o cavalo é domado, ele não deixa de ser forte, mas passa a ser manso. É esta mansidão que tem o sentido da palavra “humilde” usada na Bíblia.

Podemos parafrasear desta maneira a pergunta que Jesus fez para Saulo de Tarso, na estrada de Damasco: “Por que você está Me perseguindo? Por que está indo ao contrário do comando das rédeas?” (Atos 9.4,5). Porém, quando Saulo de Tarso perguntou: “*O que devo fazer, Senhor?*” (Atos 22.10), aceitou o controle das rédeas e do freio, isto é, submeteu-se à vontade do Cristo Vivo em sua vida. Foi então que Saulo de Tarso se tornou manso e humilde. É exatamente isso o que significa ser humilde.

Jesus declarou “*Sou manso e humilde*”, ao fazer o seguinte convite: “*Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve*” (Mateus 11.28-30).

Esta passagem, no original grego, dá a idéia de um cansaço a ponto de exaustão. Este convite, portanto, foi dirigido aos que carregam fardos muito pesados e precisam aprender a respeito de cargas, de coração e do jugo de Jesus, o qual ensinava a todos que Seu fardo era leve, o que não deixa de ser impressionante, pois Ele carregava sobre si o peso de todo o mundo.

Jugo não é uma carga. Jugo é um instrumento que possibilita um animal, como um boi, por exemplo, movimentar uma carga pesada. Muitos de nós já vimos um carro de bois. É o jugo sobre o lombo do boi que faz com que aquele animal tão forte tenha sua força controlada e dirigida para levar uma carga pesada.

A figura do carro de bois mostra claramente o que é humildade e mansidão. Uma definição para a terceira bem-aventurança, a humildade, é: força sob controle. Basicamente, o que Jesus ensinou foi: “*Todos os dias Eu tomo o jugo da vontade do Meu Pai*”. Lembre-se que Jesus disse “*sempre faço o que lhe agrada*”, referindo-Se ao Pai (João 8.29). Este era o jugo usado por Jesus. Ele Se submetia ao jugo do Pai e era cem por cento controlado pelo Pai. Esta é a bem-aventurança da humildade, que Jesus ensinou aos Seus discípulos.



Um jugo bem encaixado, bem feito pelo carpinteiro, torna a carga muito mais fácil para o animal, deixando-a mais leve. Jesus, como carpinteiro que foi, deve ter feito muitos jugos que se encaixavam perfeitamente e não irritavam ou machucavam o animal. Jesus ensinou a bem-aventurança da humildade e falou sobre jugo, porque sabia muito bem que o jugo dEle deixa muito mais leve a carga daqueles que a carregam todos os dias.

Ao ensinar a terceira bem-aventurança, Jesus estava dizendo, basicamente, o seguinte: “Existe uma maneira certa de conduzir sua vida. Se você viver como Eu vivo, não vai ficar cansado até o ponto da exaustão, com os problemas que surgirem em sua caminhada”. É como se Jesus dissesse: “Viva como Eu vivi. Se você aceitar o Meu jugo de humildade e mansidão, vai descobrir que sua carga pode ficar mais leve e sua vida mais fácil, independentemente do tamanho dos desafios que aparecerem na sua frente”.

Resumindo, o que Jesus estava ensinando, no topo da montanha, era: “Aqueles pessoas lá embaixo estão sofrendo, porque não sabem como carregar a carga de suas vidas. Elas não sabem como puxar a carga, porque não têm jugo. Entretanto, se vocês Me seguirem, se confessarem os Meus valores e observarem as Minhas atitudes, bem como a disciplina espiritual que vou lhes mostrar, aprenderão algo sobre a Minha carga, o Meu coração e o Meu jugo, que trará descanso para a alma deles”.

A humildade é a disciplina que tem a ver com a nossa vontade. As palavras “discípulo” e “disciplina” têm a mesma raiz. A promessa de Jesus decorrente dessa atitude é que o discípulo humilde vai herdar a terra. Isto significa simplesmente duas coisas: um discípulo de Jesus deve ser uma pessoa disciplinada; o que aceita a disciplina conquista tudo, pois passa a ter o jugo de Jesus sobre sua vida.

### **Os que têm fome e sede de justiça**

A quarta bem-aventurança é: *“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos”* (Mateus 5.6). Jesus ensina que quando somos humildes, quando declaramos que Jesus é nosso Senhor e submetemos nossas vidas ao Seu controle, então temos fome e sede de justiça.

Percebemos que as bem-aventuranças emergem em pares, em duplas: Choramos enquanto aprendemos a ser pobres em espírito e, quando nos tornamos humildes, temos fome e sede de justiça. Fazer

o que é certo é justiça. Ter fome e sede de justiça é ter fome e sede de conhecer e fazer o que é certo.

Assim que Paulo se tornou humilde, na estrada de Damasco, quis conhecer o que era certo para a sua vida. Ele chamou Jesus de “Senhor” e perguntou o que deveria fazer. Com isso, ele não mostrou apenas humildade, mas também fome e sede de justiça.

A ira de Jesus, quando expulsou os comerciantes do Templo, é um exemplo desta bem-aventurança, porque os líderes religiosos estavam fazendo o que não era justo. Atente para a paixão de Jesus por fazer a vontade do Seu Pai. Observe que a disposição de lutar pelo que é certo inclui o desejo e a determinação de não só confrontar, mas consertar o que está errado diante de Deus.

No Sermão do Monte, Jesus enfatizou a importância da justiça. A última bem-aventurança é: *“Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus”* (Mateus 5.10). Das oito bem-aventuranças, duas são relacionadas à justiça. Mais adiante, neste capítulo, Jesus ensinou: *“Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for superior a dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus”* (5.20). Também, no final do capítulo 6, Ele ensinou: *“Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça...”* (6.33).

A promessa que acompanha esta bem-aventurança é que o discípulo será cheio de justiça, da qual está faminto e sedento. O original grego sugere a ideia de que eles serão tão cheios de justiça, a ponto de se engasgar. Isto também quer dizer que eles serão completamente cheios do Espírito Santo, que é Justiça; que terão fome e sede de conhecer o que o Senhor quer que eles façam.

Observe que a bem-aventurança não é: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de felicidade, pois serão felizes” ou “Bem-aventurados os que têm fome e sede de realização, pois serão realizados”; tão pouco é: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de prosperidade, pois serão prósperos”. A promessa verdadeira é: *“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos”*.

Grandes vencedores que lutaram por justiça, como os que conseguiram a abolição da escravidão, foram discípulos de Jesus Cristo com fome e sede do que era justo. Eles tinham uma paixão que os levou a lutar pelo que era certo. Ganhadores do Prêmio Nobel da Paz, como Martin Luther King e Nelson Mandela mostraram que tinham fome e sede de justiça, através de um clamor pacífico contra a injustiça do

racismo. Se fizermos uma busca da palavra “justiça”, na Bíblia, veremos que Jesus foi consistente com as Escrituras ao enfatizar o conceito de que um discípulo cheio de justiça confronta a injustiça.

Um dos versículos sobre justiça que eu mais gosto é: *“Ofereçam sacrifícios (de justiça), como Deus exige e confiem no Senhor”* (Salmo 4.5). O salmista não conseguia dormir, porque tinha agido de acordo com seus próprios interesses e não de acordo com o que era certo, por isso resolveu que faria o sacrifício que fosse justo; então, teve paz e dormiu tranquilo. A sua motivação para tomar esta decisão foi saber que estava rodeado de pessoas que buscavam a justiça e que faziam o que é certo, ao invés de fazerem o que era do seu próprio interesse.

Ao enfatizar a integridade pessoal e a justiça dos Seus discípulos, Jesus disse que uma das razões por que aqueles que se encontravam no sopé da montanha eram miseráveis e infelizes era porque faziam apenas o que todo mundo fazia, seguindo seus próprios interesses, ao invés de fazer o que era certo e justo.

Outro versículo que fala de justiça e que eu tenho que citar, diz que o povo de Deus será chamado de *“carvalhos de justiça, plantio do Senhor, para manifestação da sua glória”* (Isaías 61.3).

O plano de Deus e, portanto, a estratégia de Jesus, naquele retiro, era recrutar discípulos, que seriam canais de justiça, quando voltassem para a multidão que, no sopé da montanha, representava os perdidos deste mundo. O plano de Deus é que os discípulos de Jesus sejam plantados neste mundo como carvalhos de justiça, para a glória de Deus.

## Capítulo 2

### “As Atitudes do Ir Para Deus” (Mateus 5.7-12)

*“Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês” (Mateus 5.7-12).*

#### Escalar a montanha

Um dos teólogos que eu mais admiro afirmou que as bem-aventuranças podem ser representadas pela escalada de uma montanha: as duas primeiras atitudes, ser pobre em espírito e chorar, levam-nos até metade do caminho; a humildade, até três quartos do caminho; ter fome, sede e ser cheio de justiça leva-nos até o topo da montanha. Em outras palavras, escalamos a montanha à medida que aprendemos a ter as atitudes do vir até Deus.

Quando um discípulo aprende as atitudes que o levam ao topo da montanha, que tipo de pessoa ele será antes de começar a descer pelo outro lado desta montanha e aprender as atitudes de “ir” que Cristo quer lhe ensinar? Será que ele está cheio do tipo de justiça dos fariseus e vai olhar para as pessoas citando versículos bíblicos que condenam o comportamento delas? As atitudes do ir respondem esta pergunta.

#### Os misericordiosos

A quinta bem-aventurança é: *“Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia” (5.7)*. A palavra “misericórdia” significa “amor incondicional”. Ao escrever que a misericórdia de Deus o seguiria todos os dias da sua vida, Davi usou uma palavra que significa “perseguir”. Davi tinha convicção de que o amor incondicional de Deus o perseguiria todos os dias da sua vida (Salmo 23.6).

Quando os horrores da conquista babilônica sobre os judeus se

iniciaram, Jeremias escreveu suas Lamentações. Enquanto ele as escrevia, teve uma revelação. Basicamente, o que Deus o fez saber foi: “Jeremias, eu nunca deixo de amar o Meu povo!”. Foi então que Jeremias escreveu que as misericórdias de Deus são inesgotáveis e renovam-se a cada manhã (Lamentações 3.22,23).

A profecia de Malaquias inicia-se com as seguintes palavras: “*Eu sempre os amei, diz o SENHOR*” (1.2).

Também o profeta Oséias escreveu toda sua mensagem tendo como base o amor incondicional de Deus. Afinal, Deus é o próprio amor (I João 4.16) e somente a Sua misericórdia impede que recebamos o que merecemos como consequência dos nossos pecados; a graça de Deus derrama sobre nós todo tipo de bênçãos que não merecemos. Uma boa maneira de parafrasear esta bem-aventurança seria: “Felizes os que são cheios do amor incondicional de Deus”.

É maravilhoso ver que a palavra “misericórdia” aparece na Bíblia 366 vezes, porque Deus sabe que precisamos de misericórdia todos os dias do ano, e um dia a mais para os anos bissextos. De todas as referências à misericórdia de Deus, 280 são encontradas no Velho Testamento. Deus sempre foi um Deus de amor incondicional.

A promessa de Jesus para os misericordiosos é que eles “obterão misericórdia”, o que quer dizer que eles receberão misericórdia e ainda serão canais do amor incondicional de Deus para aqueles que precisam ser amados incondicionalmente.

Se vamos descer a montanha e sermos parte da solução de Cristo para os feridos, devemos ser cheios do amor incondicional de Deus. Os discípulos que são solução e resposta de Jesus não têm a justiça própria dos fariseus, mas são canais do amor incondicional de Deus. De acordo com Jesus, ser cheio de justiça é ser cheio do amor de Deus.

### **Os puros de coração**

Geralmente a nossa motivação para amar é egoísta. É por isso que a próxima bem-aventurança é: “*Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus*” (5.8). O seguidor de Cristo ama não por que tem uma necessidade egoísta que precisa ser satisfeita, mas porque é cheio do amor de Deus e suas motivações são puras.

“Puro de coração”. A palavra “puro”, no original grego, é a mesma que deu origem à palavra “cateterizado”. Quando o discípulo ama com o amor incondicional de Deus, qualquer motivação egoísta é “cateterizada” no seu coração. Fazendo uma aplicação pessoal, de-

vemos orar todos os dias para que, se houver alguma coisa além do amor de Cristo em nossos corações, que o Espírito Santo “cateterize”.

Quando fazemos algo bom por alguém, logo as pessoas querem saber por que fizemos tal coisa, mas a resposta do discípulo misericordioso é: “Eu não quero nada de você, apenas o privilégio de amá-lo com o amor de Cristo”.

A promessa de Jesus para os puros de coração é que eles verão a Deus. Os canais do amor de Cristo, com motivações puras, vêem Deus à medida que servem como canais do Seu amor na vida dos feridos deste mundo. É o amor de Deus fluindo através deles; eles vivem em Deus e Deus vive neles (I João 4.16).

### Os pacificadores

A sétima bem-aventurança é: “*Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus*” (5.9). O discípulo que é uma solução e uma resposta de Jesus é um ministro da reconciliação; esta é a essência desta bem-aventurança. Uma das fontes dos terríveis problemas das pessoas no sopé da montanha é a alienação. Elas vivem alienadas de Deus, dos outros e até de si mesmas. Jesus estava desafiando Seus discípulos a aprenderem e adquirirem as atitudes que lhes dariam a experiência da reconciliação nessas três direções e, depois, quando voltassem para as multidões, tornarem-se ministros da reconciliação.

Paulo afirmou que todo crente que já viveu o milagre da reconciliação com Deus, através de Cristo, está comissionado para pregar a mensagem e exercer o ministério da reconciliação (II Coríntios 5.14-6.2). Com base nesta passagem, um teólogo escreveu: “A vontade do Reconciliador é que o reconciliado se torne agente da reconciliação para aqueles que ainda não foram reconciliados”. Esta é a essência da estratégia de Jesus, quando ensinou a sétima bem-aventurança.

Durante a guerra fria, um médico, num campo de trabalhos forçados na Sibéria, se converteu. Depois de confessar Jesus como seu Salvador e Senhor, esse médico, um judeu chamado Bóris Kornfield, decidiu que se tornaria um ministro da reconciliação naquele lugar terrível. Ele operou um paciente e, depois da cirurgia, falou de Jesus para ele. Por este ato de coragem, ele foi assassinado em sua cama naquela noite. Aquele paciente se recuperou e, mais tarde, contou ao mundo todo os horrores dos campos de trabalhos forçados. Seu nome era Alexander Solzjenitsyn.

Aquele médico e discípulo sincero de Jesus não tinha como saber que seu paciente seria famoso e escreveria livros extraordinários. Ele simplesmente fez o que Jesus ensinou com a sétima bem-aventurança. A promessa de Jesus aos ministros da reconciliação é que eles serão chamados filhos de Deus. Deus tinha apenas um Filho e esse Filho foi um missionário. É maravilhoso pensar que Deus considera os Seus enviados como Seus filhos. Esta expressão é genérica e quer dizer que os enviados de Deus são considerados filhos de Deus.

### Os perseguidos

*“Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus”* (5.10). Eu já comentei que as bem-aventuranças vêm em duplas, e vêm mesmo. A sétima bem-aventurança faz par com a oitava.

Boris Kornfield deu sua vida como um agente da reconciliação por causa de Alexander Solzjenitsyn. Esta tem sido a experiência dos ministros da reconciliação em toda a História da Igreja.

Por isso, a sétima bem-aventurança, *“bem-aventurados os pacificadores”*, acompanha a oitava bem-aventurança, *“bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça”*. Aqueles que são perseguidos, porque são ministros da reconciliação, têm conhecimento pleno do governo do Rei sobre seus corações, mesmo que isto lhes custe a vida.

Observe que não é uma mera questão “os perseguidos serem abençoados”. Não são todos os perseguidos, mas aqueles que são perseguidos por causa da justiça; aqueles que anunciam o Evangelho; aqueles que se identificam com Jesus Cristo e, por isso, são perseguidos. Agora você entende porque as duas bem-aventuranças se encaixam.

Os ministros da reconciliação são perseguidos, porque estão estrategicamente posicionados no centro do conflito e da alienação. Eles vão onde os alienados lutam uns contra os outros, nos lugares espalhados pelo mundo, como o Oriente Médio ou qualquer outro lugar de alto risco, onde ocorrem sérios conflitos.

Jesus ensinou as oito bem-aventuranças e, a seguir, no versículo 11, começou a fazer a aplicação delas. Observe como as bem-aventuranças são genéricas e impessoais: *“bem-aventurados os...”*. Mas, a partir do versículo 11, Jesus disse: *“Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês”*.

Jesus passou a falar com aqueles que estavam sentados ao Seu redor num tom pessoal. Ele estava aplicando Sua previsão da perseguição. A aplicação das oito bem-aventuranças começa aqui e o seu ensino agora passa a ser aplicado até o final deste sermão.

Poderíamos pensar que o mundo hoje aplaudiria as pessoas com essas bem-aventuranças, mas o que vemos é o discípulo de Jesus Cristo sendo perseguido por causa das atitudes geradas por elas.

Perguntaríamos: por que isso ocorre? A resposta a esta pergunta é que os discípulos que têm essas atitudes confrontam as pessoas com o modelo do que elas deveriam ser.

Quando o mundo é confrontado, através da vida de um discípulo, com essas atitudes, fica diante de duas escolhas: reconhecer esse modelo de vida como certo e desejar praticar essas atitudes ou atacar o discípulo que defende os valores de Jesus Cristo. Há quase dois mil anos, este mundo sem Deus tem feito a segunda escolha.

### **Resumo das observações das oito bem-aventuranças**

As oito bem-aventuranças constituem a essência do Sermão do Monte e todo o restante deste ensino de Jesus é a aplicação que Ele faz deste Sermão, cujo contexto mostra a versão que Mateus deu à crise que envolve o “tornar-se cristão”.

De acordo com Mateus, tornar-se cristão não é uma questão do que Jesus vai fazer por você, mas sim o que você vai fazer por Jesus! Você é parte do problema ou da solução de Jesus? Você é uma das Suas respostas ou apenas uma “dúvida ambulante”?

As atitudes das bem-aventuranças mostram o caráter que o cristão deve ter. As quatro metáforas: sal, luz, cidade e candeia, que vêm logo depois das bem-aventuranças, mostram o impacto que um cristão causa em uma sociedade secular.

É como se, a nível espiritual, existisse uma “linha equatorial” entre a quarta e a quinta bem-aventurança. As oito bem-aventuranças se dividem em dois grupos de quatro. As quatro primeiras são as que envolvem o “vir para Cristo”, enquanto que as quatro seguintes se referem às atitudes do “ir por Cristo”. As primeiras quatro bem-aventuranças são desenvolvidas no alto do monte, ou seja, em um relacionamento pessoal com Deus; as quatro bem-aventuranças seguintes devem ser aprendidas e desenvolvidas no relacionamento com outras pessoas.

As bem-aventuranças também se dispõem em quatro pares: os



pobres em espírito e os que choram; os humildes e os que têm fome e sede de justiça; os misericordiosos e de coração puro; os pacificadores e os que são perseguidos.

Cada um destes pares define um segredo espiritual que deve ser aprendido pelo discípulo de Jesus, antes de tentar ser parte da Sua solução e das Suas respostas.

As duas primeiras bem-aventuranças, ser pobre em espírito e chorar, definem o seguinte: “A questão não é o que eu posso fazer, mas o que Ele pode”.

O segundo par, humildade e fome e sede de justiça, revela o seguinte segredo espiritual: “A questão não é o que eu quero, mas o que Ele quer”.

O terceiro par, ser misericordioso e de coração puro, representa que: “A questão não é quem e o que eu sou, mas Quem e O Que Ele é”.

O quarto par, os pacificadores e os que são perseguidos, enfatiza um segredo espiritual que deve ser confessado, quando Cristo nos usa: “A questão é que não fui eu quem fez, mas Ele”. O apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios, contou, que quando esteve na cidade de Corinto nada do que fez veio dele próprio; tudo tinha vindo de Deus (II Coríntios 3.5).

A palavra “abençoado” deve ser bem definida. Em algumas traduções ela aparece como “feliz” ou “alegre”, o que é uma consequência do fruto do Espírito (Gálatas 5.22). A alegria abençoada pode ser definida como a felicidade, que não faz muito sentido para o mundo, porque é procedente da presença do Espírito Santo em nossas vidas e não depende de circunstâncias.

Outra definição para “abençoado” é “espiritualmente próspero”. Ser espiritualmente próspero não significa ser rico. Se ter dinheiro fosse definição de bênção, nenhum dos apóstolos teria sido abençoado. Eles viveram todas as bem-aventuranças, sem possuírem dinheiro e sofreram mortes terríveis.

## Capítulo 3

### “A Tartaruga em Cima do Muro” (Mateus 5.13-16)

Jesus continuou a apresentar o perfil do Seu caráter, com quatro metáforas, que mostram o que acontece, quando este caráter entra em ação, numa sociedade pagã. Ele ensinou: *“Vocês são o sal da terra; mas, se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado e ilumina todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus”* (Mateus 5.13-16).

#### O sal da terra

Com essas quatro metáforas, Jesus inicia a aplicação do Seu Sermão. A primeira fala que o verdadeiro discípulo deve ser o sal da terra. Literalmente, no texto original, esta passagem seria assim: *“Vocês, e só vocês, são o sal da terra”*.

Uma das interpretações e aplicações desta metáfora baseia-se no fato de que, como nos dias de Jesus não existia refrigeração, a única saída que as pessoas tinham para preservar alimentos como peixes e carnes era cobrindo-os com sal. Jesus, então, declarou que, assim como a carne apodrece, o mundo está apodrecendo e Seus discípulos são o sal necessário para preservar o mundo da corrupção moral. Para tanto, eles precisam ser colocados no mundo, como o sal é colocado na carne. A influência do caráter cristão preservará o mundo da corrupção moral.

Outra interpretação desta metáfora está relacionada ao significado da palavra “salário”, que tem origem em “dinheiro sal”. Todos nós sabemos que, nos tempos do Império Romano, não existia um organismo que pudesse se manter vivo sem o uso do sal; por este motivo, os romanos controlavam o sal em todo o mundo. Eles compravam seus escravos e os pagavam com cubos de sal.

Jesus, então, estava dizendo a Seus discípulos: *“Aquelas pessoas lá embaixo, no sopé da montanha, não têm vida”*. Se vocês com-

preenderem, crerem e aplicarem o que eu ensinei com as oito bem-aventuranças, vocês serão a fonte de vida a que aquelas pessoas recorrerão, para se preservarem e se manterem vivas.

Todas as metáforas de Jesus são ricas em aplicações para as nossas vidas e nos fazem refletir sobre elas. Como o sal provoca sede, a presença do discípulo faz com que as pessoas do mundo fiquem com sede do que ele descobriu em Cristo.

Assim como o sal pode irritar uma ferida aberta, um discípulo de Jesus ao lado de um pecador pode incomodá-lo. O sal purifica e tem características curativas. Da mesma forma, o discípulo que pratica as bem-aventuranças, que Jesus ensinou, tem essas influências positivas na vida daqueles com quem se encontra neste mundo.

O que é cultura? Cultura é o conjunto de características de uma sociedade. Jesus veio a este mundo para revolucionar as culturas existentes. Sua estratégia foi mudar o coração dos homens e, depois, enviá-los para revolucionarem as culturas. Os capítulos 5, 6 e 7 de Mateus registram o ensino de Jesus, que prioriza revolucionar o mundo. Essa estratégia está bem clara nestas palavras de Jesus aos discípulos: *“Vocês são o sal da terra”* (5.13).

Às vezes, alguns crentes têm uma mentalidade muito fechada e evitam manter algum relacionamento com os incrédulos. De acordo com Jesus, só poderemos ter influência sobre as pessoas deste mundo e exercer nossa função de sal, se estivermos fora do “saleiro”. O mundo só verá essas atitudes no discípulo de Cristo, se ele, com a graça de Deus, for praticante e se relacionar com as pessoas neste mundo.

Quando Jesus orou pelos Seus apóstolos, pediu ao Pai, que não os tirasse do mundo (João 17.15). Uma das maneiras pelas quais somos usados pelo Senhor para espalhar o sal no mundo é através do nosso trabalho secular. Os relacionamentos que mantemos com as pessoas no nosso trabalho oferecem a oportunidade para mostrarmos o caráter de Cristo em nossas vidas. A perseguição que a Igreja sofreu, durante toda sua história, também cumpriu esse papel.

Certo missionário, durante uma palestra em uma conferência, disse que “missionários são como adubo; quando ficam todos juntos cheiram mal, mas, quando espalhados, dão um bom resultado”.

Será que você exerce o seu papel de sal da terra? As atitudes que Jesus forjou em você revolucionam a vida das pessoas que cruzam o seu caminho? Se você é um discípulo de Jesus e este milagre

não está acontecendo em sua vida, tenha cuidado! De acordo com Jesus, você não está sendo bom para nada e será jogado fora. Estas palavras de Jesus são bem duras!

As duas metáforas, do sal e da luz, também deixam implícita a ideia de que os discípulos de Jesus foram transformados. Esfregar um pedaço de carne em outro não garante que serão preservados; porém, se for esfregado sal na carne, aí sim dá resultado. O discípulo “com sal” deixa outros sedentos do que ele é e do que tem em Cristo, mas só causaremos este efeito nas pessoas, se realmente formos transformados. No final deste capítulo, Jesus faz a pergunta: “...o que vocês fazem de mais?” (5.47). As bem-aventuranças de Jesus são esse algo que fazemos a mais.

## A luz do mundo

A segunda metáfora é outra declaração que diz respeito ao discípulo de Jesus e ao mundo. “Vocês são a luz do mundo” (5.14). E mais uma vez, se fôssemos traduzir literalmente do original, esta seria a ênfase deste versículo: “vocês, e apenas vocês, são a luz do mundo”. Jesus chorou pelas multidões, porque elas eram como ovelhas sem pastor (Mateus 9.36), incapazes de diferenciar a mão direita da mão esquerda, e não tinham luz. Assim como os discípulos eram o sal que podia dar-lhes vida e preservá-las, também eram a única fonte de luz para as multidões.

No final dos Seus três anos de ministério público, Jesus fez sua oração sacerdotal, registrada no capítulo 17 do Evangelho de João. Nesta oração, Ele mencionou a palavra mundo dezenove vezes. O mundo estava em Seu coração! Mesmo assim, Ele orou: “*Eu rogo por eles. Não estou rogando pelo mundo, mas por aqueles que me deste, pois são teus*” (João 17.9).

A única luz que há no mundo vem dos discípulos de Jesus. Assim como o sal não faz nenhuma diferença dentro do saleiro, os discípulos de Jesus têm que sair e deixar a luz que está neles brilhar na escuridão, mas tudo pela graça de Deus.

Se você é o único crente em sua família, em seu trabalho, em sua vizinhança ou na escola, lembre-se que uma luz no escuro vale mais que entre outras cinquenta. Se você é o único crente isolado em algum lugar, estrategicamente posicionado na escuridão, saiba que você, e apenas você, é a luz para aqueles que o conhecem.

Quando Jesus ordenou “*brilhe a luz de vocês diante dos homens,*

*para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus*” (Mateus 5.16), Ele sabia que o mundo entenderia ser necessário que Jesus acendesse essa luz em nós, porque só assim podemos ser e fazer o que eles precisam ver em nossas vidas.

### **Uma candeia**

Esta é uma metáfora muito profunda. Jesus mesmo apresenta a interpretação e a aplicação dela ao dizer que, quando uma candeia é acesa em uma casa, não é colocada sob uma vasilha, mas em um lugar apropriado para que ilumine todos.

Uma vela jamais produz luz sem se desgastar. A única maneira de preservar uma vela para que ela não se desgaste é apagando sua chama, sua luz. O que Jesus estava ensinando era, basicamente, o seguinte: “Antes de se tornarem Meus discípulos, vocês eram como uma candeia apagada. Mas, agora que vocês já passaram pela crise que ocorre quando alguém se converte, a luz de vocês foi acesa. Eu coloquei luz em suas vidas e, sempre que isso acontece, Eu posiciono essa luz em um lugar estrategicamente escolhido”.

Depois de três anos com Seus apóstolos, Jesus lhes disse: “*Vocês não me escolheram, mas eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça*” (João 15.16). Esta palavra “escolhi”, no grego, significa exatamente “posicionei estrategicamente”, e é encontrada três vezes na Bíblia. Jesus estava lhes dizendo: “Eu, deliberadamente, escolhi vocês e, estrategicamente, os posicionei em um lugar para vocês serem frutíferos”.

Você já viu uma tartaruga em cima de um muro ou de uma cerca? Se algum dia você vir uma tartaruga em cima de uma cerca, pode ter certeza de uma coisa: ela não foi parar ali sozinha; alguém a colocou lá em cima, porque tartarugas não sobem em cercas nem em muros! Todo autêntico seguidor de Jesus deveria se sentir como uma tartaruga em cima do muro. Devemos todos olhar ao redor e ver que fomos estrategicamente posicionados neste mundo e, pensando na tartaruga em cima do muro, devemos afirmar: “Eu jamais estaria onde estou, se Cristo não me tivesse colocado aqui”.

### **Uma cidade construída sobre um monte**

A quarta metáfora é: “*Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte*” (5.14). Jesus estava enfatizando o que tinha ensinado com as oito bem-aventuras, que não podemos

escondê-las, assim como não se esconde uma luz debaixo de uma vasilha. Isto quer dizer que não existe o discípulo secreto de Jesus, pois Ele mesmo ordenou o batismo para todo aquele que professa ser Seu discípulo, como uma declaração oficial de que é impossível a existência de um discípulo secreto (Mateus 28.18-20).

Jesus está ensinando no versículo 14 que, se somos sal da terra e luz do mundo, não vamos conseguir esconder esta realidade. Jesus era muito prático e sempre valorizou mais as atitudes que as palavras. As quatro metáforas enfatizam o que fazemos sobre aquilo que dizemos. Somos sal, luz, candeia e cidade sobre o monte.

No Evangelho de Marcos, este evangelista conta que as pessoas estavam tão ansiosas para ficarem com Jesus, que Ele buscou um lugar para ficar algum tempo sozinho com Deus, mas não foi possível, porque Ele não conseguia Se manter oculto (Marcos 7.24).

Existe, nas bem-aventuranças, uma ordem de Jesus para olharmos dentro de nós mesmos. Nestas metáforas, Jesus está dizendo para olharmos ao nosso redor. Faça isto e considere o desafio que existe, quando o seu novo caráter começa a causar impacto nesta sociedade corrupta e sem vida, nesta cultura que está na escuridão.

## Capítulo 4

### “Justiça nos Relacionamentos” (Mateus 5.17-48)

*“Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus. Pois eu lhes digo que, se a justiça de vocês não for muito superior a dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus” (5.17-20).*

Vamos iniciar o estudo da parte mais longa e mais difícil do Sermão do Monte (Mateus 5.17-48), que inicia com Jesus declarando sua opinião sobre a Lei de Deus e a justiça pessoal. Algumas pessoas, erroneamente, acreditam que nestes versículos Jesus estava contradizendo Moisés e, por isso, costumam levantar a seguinte pergunta: “O que adianta ler o Velho Testamento, se Jesus o tornou obsoleto?”. Mas, Jesus não fez isto! Ele não contradisse Moisés nestes versículos; apenas confrontou o ensino dos escribas e fariseus.

Ao se referir à “Lei e aos Profetas”, Jesus estava falando do Velho Testamento. Basicamente, o que Jesus disse aos Seus discípulos foi: “Tudo o que estou ensinando a vocês se encontra na Palavra de Deus, mas este meu ensino entra em conflito direto com o que os seus líderes religiosos têm ensinado. Quando vocês descerem deste monte e passarem a conviver com toda aquela gente, se quiserem ser parte da Minha solução, entendam como aplicar a Palavra de Deus na vida do povo”.

Jesus começou declarando que não tinha vindo para abolir a Lei de Deus; mas, que tudo o que Ele ensinava estava de acordo com ela, e era o seu cumprimento. Nos versículos 21 ao 48, Jesus fala sobre a diferença entre a abordagem que Ele fazia da Palavra de Deus e a que faziam os escribas e fariseus. A diferença básica é que Jesus veio para cumprir a Lei de Deus e cada letra das palavras da Lei foram cumpridas, através do Seu ensino.

O apóstolo Paulo chamou essa diferença de “o espírito da Lei”

versus “a letra da Lei” (II Coríntios 3.6). Paulo escreveu que o espírito da Lei dá vida, mas a letra da Lei mata. O espírito da Lei dá vida porque é amor; ele nos faz lembrar que toda a Lei de Deus, ou seja, toda a Palavra de Deus nasceu do amor de Deus pelo homem, e Jesus sempre teve esta perspectiva.

Jesus cumpriu o propósito da Lei ou da Palavra de Deus, interpretando e aplicando sempre o espírito da Lei. Outra maneira de dizer isto é afirmar que Ele passou a Lei de Deus pelo “prisma” do amor antes de aplicá-la na vida do povo de Deus. Os escribas e fariseus não sabiam que tinham que fazer isto ou tinham esquecido que a Lei de Deus foi feita, visando o bem-estar do povo, o qual eles sobre-carregavam, aplicando, de maneira cruel, a letra da Lei.

Jesus declarou que a justiça pessoal de cada um dos discípulos deveria exceder a justiça dos escribas e fariseus. Ele ensinou que aquele que quebrasse o menor dos mandamentos de Deus e ensinasse outros a fazerem o mesmo seria o menor no Reino dos céus. Jesus declarou que Seus discípulos só seriam grandes no Reino que Ele estava anunciando, se praticassem e ensinassem os mandamentos da Lei.

À medida que Jesus aplicou as bem-aventuranças, no restante deste ensino (5.17-7.28), Ele também contrastou a justiça que ensinou e requereu dos Seus discípulos com a justiça “hipócrita” dos líderes religiosos.

A “justiça” dos escribas, que deveria sempre ser citada entre “aspas” era exterior, mas a justiça dos discípulos de Jesus deveria ser interior. Jesus travou uma discussão acirrada com os líderes religiosos, porque eles davam ênfase às formas exteriores da religião e ignoravam as questões interiores, que envolviam o coração (Marcos 7.8,15).

A justiça dos religiosos era meramente horizontal. Eles priorizavam as aparências e armavam “shows” para serem vistos por todos, quando faziam alguma doação ou quando oravam. O que Jesus ensinou foi: “a justiça de vocês não pode ser horizontal; ela tem que ser vertical, isto é, direcionada a Deus e não aos homens” (6.1).

A justiça que Jesus ensinou a Seus discípulos era baseada nas Escrituras, enquanto que a dos líderes religiosos era, primordialmente, baseada na tradição; quando a justiça dos fariseus tinha alguma base nas Escrituras, a interpretação não era correta.

Jesus resumiu a diferença entre a justiça que Ele ensinou e a justiça dos líderes religiosos, quando os chamou de “hipócritas”. Esta



palavra grega faz referência à máscara que os atores de teatro usavam, e era parte da cultura do Império Grego, o qual precedeu o Império Romano.

Ao escolher referir-se aos escribas e fariseus como hipócritas, Jesus estava dizendo que a justiça deles era falsa e que a justiça dos Seus discípulos deveria ser verdadeira.

Quando compreendemos o que Jesus falou nestes versículos sobre justiça e sobre as Escrituras, percebemos porque Ele estava sempre em confronto com os escribas e fariseus. Faremos uma abordagem introdutória à passagem difícil que passamos a estudar.

Nos próximos vinte e oito versículos, Jesus falou seis vezes a frase “*vocês ouviram o que foi dito*”, ou seja, Jesus estava dizendo: “por muito tempo foi isso que vocês ouviram, mas agora ouçam o que a Palavra de Deus realmente ensina”. Seis vezes Jesus cita o ensino dos líderes religiosos e apresenta o Seu ensino correspondente.

Em alguns momentos, Jesus discorda da maneira como os líderes religiosos interpretavam e aplicavam a Lei de Deus. Jesus cumpriu a Lei de Deus, ensinando o espírito da Lei. Outras vezes, Jesus se opunha diretamente ao ensino tradicional do Talmude, que não é a Palavra de Deus.

Tanto Mateus como Marcos descrevem as discussões acirradas entre Jesus e os líderes religiosos, quando estes colocavam sua tradição acima da autoridade da Palavra de Deus (Mateus 15.3-6; Marcos 7.9-13).

Com esta perspectiva em mente, considere os seis ensinamentos dos escribas e fariseus que Jesus desafiou:

### **O seu irmão**

*“Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não matarás’, e ‘quem matar estará sujeito a julgamento’. Mas, eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Raca’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco’, corre o risco de ir para o fogo do inferno. Portanto, se você estiver apresentando sua oferta diante do altar e se lembrar de que seu irmão tem algo contra você, deixe sua oferta ali, diante do altar, e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta” (5.21-24).*

Existe uma frase que aparece em toda a Bíblia, que resume a verdade que Deus está ensinando ao Seu povo, que é: “Deus em

primeiro lugar!”. Nesta passagem, excepcionalmente, a ênfase foi trocada. Ao ensinar como aplicar as bem-aventuranças com nosso irmão, Jesus ensinou: “Primeiro o seu irmão e, depois, Deus”.

Jesus enfatizou a importância do nosso relacionamento com outros crentes, ensinando que devemos aplicar a quinta e a sexta bem-aventuranças, sem ter nada em nosso coração que não seja o amor de Deus por aqueles com quem O servimos. Nós sequer temos a permissão de ir a Deus em particular, se houver qualquer coisa que impeça nosso relacionamento com aquele que Jesus chama de nosso “irmão” (Marcos 11.25).

Em outra passagem, Jesus ensinou que, se temos qualquer coisa contra outro irmão, devemos nos reconciliar com ele, no contexto de uma verdadeira disciplina espiritual para a Igreja do Senhor (Mateus 18.15-17).

Uma vez ouvi o diretor de uma organização missionária internacional dizer para centenas de missionários: “Não podemos ganhar o mundo, se perdemos uns aos outros!”. Ele, então, mostrou um livro bem diferente, em cuja capa se destacava o título: “O Maior Problema dos Missionários”. Ao abrir o livro, lia-se apenas duas palavras: “Outros missionários!”.

Talvez este fosse o peso do coração de Jesus, quando Ele ensinou sobre a importância dos crentes cultivarem e manterem relacionamentos de amor entre si.

Os líderes religiosos, no entanto, ensinavam que, contanto que você não matasse ou ferisse alguém, seu relacionamento com essa pessoa era aceitável a Deus. Jesus atinge a fonte da hostilidade entre duas pessoas ao falar da raiva que causa conflitos. Ele ensinou que a raiva e o sentimento de desprezo para com os irmãos devem ser tratados, se quisermos ter um relacionamento aceitável diante de Deus.

## **O seu adversário**

*“Entre em acordo depressa com seu adversário que pretende levá-lo ao tribunal. Faça isso, enquanto ainda estiver com ele a caminho, pois, caso contrário, ele poderá entregá-lo ao juiz, e o juiz ao guarda, e você poderá ser jogado na prisão. Eu lhe garanto que você não sairá de lá enquanto não pagar o último centavo”* (Mateus 5.25,26).

Nos últimos versículos deste capítulo, Jesus mostra como aplicar as bem-aventuranças com os nossos inimigos. Vivemos num

mundo muito competitivo e podemos considerar o nosso concorrente como o nosso “adversário”.

Costumamos dizer que no mundo dos negócios um sempre fica com o dinheiro e o outro com a experiência. Adversário pode ser uma daquelas pessoas determinadas a pegar o nosso dinheiro e deixar para nós apenas a experiência!

Às vezes, o relacionamento com os nossos adversários chega a tal ponto de hostilidade que corremos o risco de encararmos um processo judicial ou até ir parar na cadeia. A bem-aventurança que Jesus quer que apliquemos neste caso é óbvia: *“Bem-aventurados os pacificadores”*. Os discípulos de Jesus que praticam a sétima e a oitava bem-aventuranças não são movidos pela raiva, mas procuram apaziguar animosidades e intrigas.

Apesar das atitudes dos nossos adversários estarem fora do nosso controle, um discípulo de Jesus deve procurar não ser a causa de nenhum conflito. Paulo escreveu que, no que depender de nós, devemos ter paz com todos os homens (Romanos 12.18). Nossa responsabilidade em nossos relacionamentos tem um limite e, portanto, não somos responsáveis pelo que o nosso adversário vai fazer.

## As mulheres

*“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não adulterarás’. Mas, eu lhes digo: Qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já comeceu adultério com ela no seu coração. Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo que ser todo ele lançado no inferno. E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo que ir todo ele para o inferno” (5.27-30).*

Assim como no caso da raiva, Jesus foi à raiz do pecado de adultério. Ele não falou sobre a lascívia ou sobre o adultério cometido no coração, como sendo um pecado igual ao ato de adultério. O que Ele exprimiu foi que, se realmente queremos ser parte da Sua solução e da Sua resposta; se queremos causar o impacto do sal e da luz, devemos aprender a controlar nossos desejos sexuais.

Se não desejamos cometer adultério, devemos vencer a batalha das questões que conduzem a ele, como, por exemplo, olhar para alguém com desejo. O irmão de Jesus, Tiago, apresenta uma anatomia detalhada de pecado em sua carta: o desejo leva à tentação, que é seguida pelo pecado, o qual sempre leva ao banquete de consequências

que a Bíblia chama de “morte” (Tiago 1.14,15; Romanos 6.23).

Jesus e Seu irmão Tiago ensinaram que é mais fácil vencer a luta contra o pecado sexual antes do segundo olhar e dos pensamentos impuros; antes de alimentar desejos que não devem ser satisfeitos. Enfim, devemos vencer a batalha antes que nossos desejos nos levem à tentação. Jesus ensinou Seus discípulos que devemos orar todos os dias para evitar a tentação (Mateus 6.13).

Quanto ao ensino de Jesus acerca de arrancar o olho direito ou cortar fora a mão direita não deve ser aplicado literalmente. O espírito deste ensino é que se o que você está olhando o leva a pecar, pare de olhar. Só Deus sabe quantos pecados são cometidos hoje no mundo, porque as pessoas se entregam à pornografia ou a filmes que incitam a lascívia e conduzem ao pecado sexual!

Da mesma forma, Ele está ensinando que se o que estamos fazendo com a nossa mão direita nos leva a pecar, devemos parar de fazê-lo. Em outra passagem, onde o pé também é citado, Jesus nos ensina que, se o lugar para onde nossos pés estão nos levando nos faz pecar, devemos deixar de ir ao tal lugar (Mateus 18.8).

## A sua esposa

*“Foi dito: ‘Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio’. Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério”* (Mateus 5.31,32).

Devemos sempre lembrar o contexto, no qual foi dado este ensino de Jesus, o Sermão do Monte. A estratégia de Jesus era treinar os Seus discípulos que seriam enviados como sal e luz, causando impacto na vida daqueles que estavam com tantos problemas, lá embaixo, no sopé da montanha. Não podemos nos esquecer, também, que aquela multidão representa os perdidos de todo o mundo.

Salomão escreveu que os filhos são como flechas e os pais como arcos que lançam seus filhos para a vida (Salmo 127.3-5). Os valores, os propósitos e a direção dos filhos dependem do arco que os lançou na vida. Hoje, em todo o mundo, o diabo tenta quebrar este arco. O número de divórcios e separações é epidêmico em muitas culturas. Neste contexto, Jesus ensina que, se queremos ser parte da Sua solução e da Sua resposta, devemos aplicar as bem-aventuranças no relacionamento com nosso cônjuge.

Os versículos 31 e 32, que citamos acima, são um exemplo da interpretação e aplicação que os escribas e os fariseus faziam do ensino de Moisés e do Velho Testamento, com os quais Jesus não concordava. Moisés ordenou ao homem dar certidão de divórcio a sua mulher, quando este ocorresse (cf. Deuteronômio 24.1-4).

Mas, como o próprio Jesus destacou para estes mesmos líderes em outra ocasião, Moisés permitiu a certidão de divórcio como uma concessão, por causa da dureza dos corações (Mateus 19.7,8).

No Velho Testamento, na história dos hebreus, quando um homem, por qualquer razão não estava satisfeito com sua mulher, podia se divorciar dela e simplesmente mandá-la embora. Ele não precisava dar satisfação à mulher nem a ninguém do motivo que o levava a tomar tal decisão.

Por isso Moisés decretou que “se alguém se divorciasse da sua mulher, deveria lhe dar certidão de divórcio”. Nesta certidão ficava declarado o motivo do divórcio e fazia com que o marido se comprometesse com alguma provisão para o sustento da mulher. Uma mulher sem marido teria muita dificuldade para sobreviver na cultura judaica e, dessa forma, a Lei de Moisés tentava proteger as mulheres.

Jesus não estava ensinando que o divórcio era aceitável. A Bíblia diz que Deus odeia o divórcio (Malaquias 2.16). Jesus estava ensinando que, se houver razão para o divórcio, o Seu discípulo deve ser justo nisto também.

No decorrer do estudo, você poderá estudar mais sobre o assunto nos volumes III, VI e VIII.

### **A sua palavra**

*“Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não jure falsamente, mas cumpra os juramentos que você fez diante do Senhor’. Mas, eu lhes digo: Não jurem de forma alguma: nem pelos céus, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. E não jure pela sua cabeça, pois você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo. Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’; o que passar disso vem do maligno” (Mateus 5.33-37).*

Agora voltamos ao ensino dos líderes espirituais judeus que não estava na Lei de Deus. Na tradição deles era comum jurar, por exemplo, pelo Templo, pelos objetos de ouro do Templo (Mateus 23.16), pelo altar ou pelo sacrifício do altar. Eles juravam pelo céu e pela ter-

ra ou por Jerusalém. Outros juramentos eram feitos sem compromisso algum.

Aqueles que pertenciam ao pequeno círculo dos líderes religiosos sabiam quando deviam jurar por alguma coisa. Os mais inocentes, os que não conheciam a complexidade dos juramentos dos judeus, ficavam chocados, quando descobriam que aquilo que achavam ter sido um juramento solene, na verdade não tinha nenhum valor, porque fora feito por alguma coisa sem importância.

O sistema de juramento era tão complexo que chegava a ser ridículo e se confrontava com o mandamento que proíbe o falso testemunho. Não é de se espantar que Jesus tenha deixado desacreditado todo aquele sistema, ao declarar que qualquer coisa que for além do “sim” ou do “não” vem do diabo! O espírito deste ensino é que os discípulos de Jesus devem ser conhecidos como homens da Palavra e de palavra.

## O perverso

*“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’. Mas, eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra. E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa. Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas. Dê a quem lhe pede, e não volte as costas àquele que deseja pedir-lhe algo emprestado” (5.38-42)*

Mais uma vez Jesus discorda da maneira como os escribas e fariseus interpretavam e aplicavam a Lei de Moisés. Aqueles líderes religiosos ensinavam a aplicação da lei do “olho por olho e dente por dente” encontrada em Êxodo, Levítico e Deuteronômio.

Como no caso da certidão de divórcio, quando Moisés ordenou “olho por olho e dente por dente”, estava estabelecendo um limite para a dureza de coração de um povo teimoso e difícil. A intenção desta lei de Moisés era estabelecer um limite para o desejo pecaminoso de vingança. Se alguém tivesse os dentes quebrados por outra pessoa, imediatamente dizia: “você me quebrou os dentes; agora eu quebro o seu pescoço” ou “você me arrancou os olhos; agora vou arrancar sua cabeça”. Isto não é justiça, mas um desejo maldoso de vingança.

A forma justa seria olho por olho e dente por dente. Esta geralmente é a intenção dos processos judiciais. Jesus orientou como

devemos aplicar Suas bem-aventuranças quando somos processados.

Nos Estados Unidos, por exemplo, ouve-se falar de processos judiciais e indenizações de milhões de dólares. Isso não tem a ver com justiça, mas com vingança e ganho egoísta. Como será que os tribunais e todo o sistema judiciário seriam afetados, se levássemos a sério este ensino de Jesus?

Jesus cumpriu a Lei de Moisés e foi além do espírito dela, quando ensinou: *“Não resistam ao perverso”*. Ao ensinar a dar a outra face, a deixar levar a capa, a caminhar a segunda milha e a emprestar quando lhe pedirem, Jesus aplicou a bem-aventurança dos pacificadores. O que Jesus estava ensinando aos Seus discípulos com esta passagem de tão difícil entendimento?

Uma vez perguntei a um executivo como era trabalhar no mundo de negócios tão competitivo e ele me respondeu: *“É como não fazer nenhum prisioneiro na guerra e ainda atirar nos nossos soldados feridos!”*. Há uma frase de um poema que diz *“toda a natureza está manchada de vermelho nos dentes e nas garras”*.

A vida pode ser uma *“luta de cão”*, competitiva, onde vence o mais forte, mas nós não somos cães lutadores. Jesus estava ensinando aos seus discípulos que, quando se vive as oito bem-aventuranças, as coisas são diferentes.

No tempo de Jesus, os conquistadores romanos podiam exigir que um cidadão judeu carregasse sua carga por alguns quilômetros, mas muitos judeus não queriam se submeter a esta exigência. Jesus ensinou: *“Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas”*.

Nos primeiros tempos da Igreja, alguns convertidos eram soldados romanos, os quais tinham sido confrontados com as atitudes das bem-aventuranças, na vida dos discípulos de Jesus.

## O seu inimigo

*“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo’. Mas, eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos. Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão? Até os publicanos fazem isso! E, se saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso! Portanto, sejam perfei-*

*tos como perfeito é o Pai celestial de vocês” (5.43-48)*

Acho que estes seis versículos acima são os mais difíceis de serem interpretados e aplicados. A Igreja jamais chegou a um acordo sobre o seu significado ou como eles devem ser aplicados. Eles ensinam uma ética muito sublime, que o mundo não conhece.

Seis vezes neste capítulo Jesus iniciou Seu ensino citando o que os mestres religiosos ensinavam. Desta vez, Ele disse: *“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo’”*. Metade da frase era de Moisés e metade fazia parte do ensino deles. Moisés ordenou *“ame o seu próximo”* (Levítico 19.18), mas não ordenou *“odeie o seu inimigo”*.

Nos Salmos, lemos que Davi, que era um homem segundo o coração de Deus, odiava os inimigos de Deus. Não há nenhuma ordem na Palavra de Deus para que odiemos nossos inimigos.

Agora que já chegamos aos últimos versículos deste capítulo, devemos recordar que este ensino foi dado durante o “Primeiro Retiro Cristão”, e aqueles que estavam lá embaixo, no sopé da montanha, não participaram dele. Jesus deu este ensino para aqueles que declararam ser Seus discípulos, comparecendo ao retiro no alto do monte. Só o fato de eles serem chamados de “discípulos” e terem comparecido àquele retiro significava que eles tinham assumido um alto nível de comprometimento com Jesus.

Esta era a essência do comprometimento que Jesus queria de um discípulo: *“Se você quer Me seguir, mas não está disposto a pegar sua cruz e morrer por Mim, não pode ser Meu discípulo. Se você não está disposto a Me colocar em primeiro lugar, antes de todos na sua vida (marido, esposa, pai, mãe e filhos) não pode ser Meu discípulo. Se você não está disposto a deixar tudo o que tem, não pode ser Meu discípulo”* (Lucas 14.25-27).

Aqueles que compareceram ao retiro assumiram esse compromisso com Jesus e declararam estar dispostos a pegar cada um a sua cruz e segui-Lo. Provavelmente, eles já tinham presenciado vítimas de crucificação carregarem suas cruzes até o lugar da execução; portanto, sabiam o significado dessa metáfora.

Este ensino de Jesus também desafiou a interpretação e a aplicação que os líderes religiosos faziam da Lei de Moisés. Você se lembra da pergunta que o doutor da lei fez a Jesus, a qual originou a Parábola do Bom Samaritano? A pergunta foi: *“quem é o meu próximo?”* (Lucas 10.29). Esta foi uma pergunta muito importante, por-



que a ética tradicional ensinada pelos escribas e fariseus considerava como o próximo de um judeu apenas outro judeu; qualquer outra pessoa que não fosse judia era considerada inimiga. Daí veio a aplicação dos escribas e fariseus: “ame o seu compatriota judeu e odeie o resto das pessoas”.

Observe a motivação que Jesus apresentou para amarmos nosso inimigo: *“para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus”*. Esta é uma promessa que Jesus fez àqueles que viverem a sétima e a oitava bem-aventuranças, como pacificadores perseguidos.

Existe pelo menos mais um princípio de compromisso, se formos levar a sério este ensino de Jesus. Algumas pessoas podem dizer: “Se seguirmos esta orientação e deixarmos tudo para trás, vamos perder tudo o que temos; por isso este ensino não faz sentido para nós”.

Devemos ter em mente que a autopreservação não é a coisa mais importante para um discípulo de Jesus. O apóstolo Paulo entendeu esse compromisso e escreveu: *“Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”* (Gálatas 2.20).

Qual o significado de ser crucificado com Cristo? Significa estar disposto a carregar sua cruz e segui-Lo. Quando Jesus enfrentou Sua própria cruz, disse: *“Se o grão não cair no chão e não morrer, será apenas um grão. Mas, quando cai na terra e morre dá frutos... Agora meu coração está perturbado, e o que direi? Pai, salva-me desta hora? Não; eu vim exatamente para isto, para esta hora. Pai, glorifica o teu nome. Então, veio uma voz dos céus: ‘Eu já o glorifiquei e o glorificarei novamente’”* (João 12.24,27,28). No meio desta crise, Jesus ordenou que Seus discípulos fizessem o mesmo que Ele estava fazendo: entregando-se totalmente diante da iminente morte de cruz (João 12.25,26).

Certo pastor incentivava todo discípulo de Jesus a fazer a seguinte oração: *“Pai, glorifica o Seu nome e manda a conta para mim. Não importa quanto seja, mas glorifica o Seu nome!”*. Só quando nos unirmos ao Senhor, na oração que Ele fez diante da cruz, entenderemos, aceitaremos e aplicaremos a ética mais sublime que o mundo já conheceu.

Durante os anos da Guerra Santa, Francisco de Assis cuidou de um soldado turco que tinha sido ferido. Um soldado que passava a cavalo disse: *“Francisco, se este turco se curar vai acabar matando*

você”, ao que ele respondeu: “Então, antes disso acontecer, ele vai conhecer o que é o amor divino!”.

Observe como Jesus finaliza este ensino: “*Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês*” (5.48). A palavra “perfeito” não quer dizer uma “perfeição sem pecado”, mas “ser maduro, completo, ser tudo o que Deus criou para você ser”. Se a palavra “perfeito” o incomoda, tire-a do versículo e leia novamente.

O resumo de tudo o que Jesus ensinou sobre o espírito da Lei é que devemos ser como o nosso Pai. Jesus ensinou que, como filhos de Deus, devemos ser como Ele é.

O apóstolo Paulo orienta os maridos a amarem suas esposas, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela (Efésios 5.25). Ao instruir os maridos a amarem e se entregarem às suas esposas, como Cristo amou e se entregou à Igreja, Paulo ensinou o mesmo que Jesus: devemos ser como Cristo. Será que isto é possível?

A verdade mais dinâmica do Novo Testamento é esta: “*Cristo em você, a esperança da glória*”. Paulo escreveu literalmente: “*A ele quis Deus dar a conhecer entre os gentios a gloriosa riqueza deste mistério, que é Cristo em vocês, a esperança da glória*” (Colossenses 1.27).

Este ensino ético de Jesus é absolutamente impossível de ser praticado, a não ser que ocorra este milagre: “Cristo em nós e nós em Cristo”. Portanto, podemos levar este ensino a sério e ousar responder a estas perguntas: “O que Jesus disse neste ensino?” “O que significa tudo o que Ele ensinou?”. “E o que tudo isso significa para mim?”.

O versículo mais profundo dessa passagem das Escrituras encaixa-se na estratégia e na missão que Jesus anunciou, durante esse retiro. Jesus fez a seguinte pergunta: “*o que estão fazendo de mais?*” (Mateus 5.47). Como já observamos antes, precisamos ser o sal que preservará a carne e impedirá que ela se deteriore.

Uma tradução para o versículo 46 diz: “Se você amar apenas aqueles que amam você, onde entra a graça?”. Ninguém precisa de graça para amar aqueles por quem é amado; mas, somos necessitados da graça sobrenatural de Deus, para que não só perdoemos, mas também amemos os nossos inimigos.

Esta difícil passagem, para não dizer todo este capítulo, nos lança o seguinte desafio: “Existe alguma dessas bem-aventuranças em nossa vida, explicada apenas pelo segredo espiritual, que é “o Senhor Jesus Cristo vivo em nosso coração?”.

## Capítulo 5

### “Disciplinas Espirituais e Valores Verticais” (Mateus 6.1-34)

O desafio de Jesus até agora foi para que Seus discípulos olhassem para dentro de si mesmos e considerassem as bem-aventuranças que devem estar no coração de todo discípulo (5.3-12).

Depois, Jesus os desafiou a olharem ao redor e aplicarem as bem-aventuranças em seus relacionamentos (5.13-48). Quando Jesus terminou de fazer a aplicação dessas atitudes nos relacionamentos, principalmente com os adversários, seus discípulos estavam mais que prontos para o que Ele ensinaria a seguir.

No sexto capítulo, vamos ver como Jesus dirigiu Seus discípulos a olharem em outra direção. Ele os desafiou a olharem para o alto. Por definição, um discípulo é uma pessoa que se compromete a ser disciplinada. Jesus dirigiu Seus discípulos a seguirem uma rotina diária de voltarem seus olhos para o alto. Ele também lhes ensinou a prioridade de viver de acordo com as disciplinas e valores espirituais.

### A disciplina do dar

*“Tenham o cuidado de não praticar suas ‘obras de justiça’ diante dos outros para serem vistos por eles. Se fizerem isso, vocês não terão nenhuma recompensa do Pai celestial. Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu lhes garanto que eles já receberam sua plena recompensa. Mas, quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará” (6.1-4).*

Já comentei que a “justiça” dos escribas e fariseus era horizontal, mas a justiça que Jesus ensinou e exigiu dos Seus discípulos era vertical. Os quatro primeiros versículos do capítulo 6 demonstram isto claramente. Apesar de ser difícil de imaginar isto hoje, os fariseus, literalmente, carregavam uma trombeta amarrada nas suas capas e, antes de colocarem uma moeda no copo do mendigo, tocavam a tal trombeta. Eles queriam que todos os vissem fazendo a boa ação e os considerassem generosos e piedosos.

Para classificar essa atitude dos escribas e fariseus, Jesus usou

mais uma vez a palavra “hipócritas”. Assim como os atores gregos, os fariseus eram mascarados e suas doações eram fingidas. Eles somente praticavam sua própria justiça diante dos homens, para serem vistos e honrados por eles; por isso, Jesus ensinou aos Seus discípulos o real significado de dar, instruindo-os a fazerem doações anônimas, em secreto, sem mesmo deixar que a mão esquerda visse o que a direita estava fazendo. A única recompensa que aqueles hipócritas poderiam receber pela sua atitude de dar, seria o louvor dos homens.

Os discípulos de Jesus devem dar em secreto, pois o Deus que tudo vê saberá recompensá-los. Esta é a essência verdadeira da fé e da adoração. O Capítulo da Fé da Bíblia ensina que *“aquele que se aproxima de Deus deve crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam”* (Hebreus 11.6).

Antes de criticarmos tanto os fariseus, devemos nos analisar para ver se nós também, de alguma forma, não tocamos trombeta, quando fazemos nossas doações. Como pastor, já percebi, em não raras ocasiões, que ofertas grandes nos são entregues pessoalmente, algumas vezes até diante de toda a igreja. Também já ouvi dizer que aquele que faz uma doação vultosa, anonimamente, quando descoberto tem uma experiência maravilhosa!

A primeira disciplina espiritual que Jesus exige daqueles que querem ser parte da Sua solução e da Sua resposta, isto é, o sal da terra e a luz do mundo, é a disciplina da mordomia. No Evangelho de Lucas, Jesus ensina que Deus reterá as verdadeiras riquezas ou as bênçãos espirituais do discípulo que não é bom mordomo (Lucas 16.10,11). Isto faz do ato de “dar” a disciplina espiritual mais importante na vida do discípulo.

### **A disciplina da oração**

Jesus exigiu a mesma atitude dos Seus discípulos na oração: *“E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa. Mas, quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está em secreto. Então, seu Pai, que vê em secreto, o recompensará. E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem. Vocês*

*orem assim: 'Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia. Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos os nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém'. Pois, se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também perdoará vocês. Mas, se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não perdoará as suas ofensas" (6.5-15).*

Orar não é pregar. Quando oramos em público, seja na igreja ou num grupo de oração, devemos nos lembrar destas instruções de Jesus que nos mostrou como podemos ter a certeza de que estamos falando com Deus, quando oramos. Ele deu prioridade à oração particular, ao invés da oração em público, e ensinou que devemos entrar em nosso quarto ou em um lugar isolado e fechar a porta, porque não temos ninguém para impressionar, além de Deus.

Depois de estabelecer a atitude que Seu discípulo deve ter com relação à oração, Jesus ensinou como orar. Ele apresentou um modelo de oração, que chamamos de "Oração do Pai Nosso". Esta foi a instrução de Jesus: *"E quando vocês orarem..."*. Apesar de o pronome pessoal usado sugerir uma oração para ser feita em grupo, ela é, primordialmente, um modelo de oração que tem o objetivo de nos ensinar a orar. Lucas relatou que Jesus apresentou este modelo de oração, atendendo ao pedido de um dos seus discípulos: *"Senhor, ensina-nos a orar"* (Lucas 11.1-4).

Este modelo de oração que Jesus ensinou compõe-se de sete pedidos. Três deles são "Deus em primeiro lugar" e quatro de ordem pessoal. Um pedido providencial é aquele que tem valor maior para Deus. A mensagem central da Bíblia gira em torno da frase "Deus em primeiro lugar".

Nos três primeiros pedidos desta oração-modelo de Jesus, os discípulos são desafiados a fazerem pedidos que se referem a Deus em primeiro lugar, depois fazerem os pedidos pessoais. Os três pedidos que colocam Deus em primeiro lugar são: *"Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade"*.

Um pedido pessoal é uma necessidade particular do discípulo e, nesta oração, há quatro destes pedidos: *"Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia, perdoa as nossas dívidas, não nos deixes cair em tentação e livra-nos do mal"*.

Com essa oração-modelo, Jesus ensinou Seus discípulos a entrarem na presença de Deus, dirigindo-se a Ele diretamente como “Pai Nosso”. Este foi um conceito revolucionário para os discípulos que ouviram o ensino de Jesus. Eles eram todos judeus e, durante toda a vida, tinham sido ensinados a terem a visão de um Deus Soberano, ao qual só teriam acesso, através de um sacerdote.

Jesus, porém, O apresentou como um Deus pessoal, interessado em cada detalhe das necessidades de Seus discípulos. Era esta a visão que Davi tinha de Deus ao declarar: *“O Senhor é o meu pastor”* (Salmo 23.1).

### **Deus em primeiro lugar Santificado seja o Teu Nome**

Depois de nos dirigirmos a Deus como Pai, fazemos três pedidos que colocam Deus em primeiro lugar: Teu Nome, Teu Reino e Tua vontade. O nome de Deus é a essência do Quê e de Quem Ele é. Assim, isto o discípulo está orando: “Deus, quero viver de tal maneira que outros conheçam e reverenciem a essência do Quê e de Quem o Senhor é”.

### **Venha o Teu Reino**

A seguir, temos: *“venha o teu Reino”*. Isto quer dizer, simplesmente, que Deus é um Rei, e quando os discípulos fizerem de Deus o seu Rei, passarão a fazer parte do Seu Reino. Com isto, eles estarão orando: “Pai, eu não estou construindo um reino meu. Eu quero o Seu Reino governando o meu coração e quero viver como Seu súdito leal”.

### **Seja feita a Tua vontade...**

O terceiro pedido providencial é uma sequência do segundo: *“seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”*. Quando Jesus estava prestes a ser preso e crucificado, seu sangue ao orar: *“Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres”* (Mateus 26.39). Deveríamos intitular esta oração de “Oração do Senhor”, porque foi uma oração que Jesus fez por Ele mesmo. Jesus não apenas ensinou Seus discípulos a orarem, como deu o exemplo, quando enfrentou Sua maior crise.

Paulo fala sobre o tesouro do Cristo Vivo em vasos de barro (nossos corpos), para que fique evidente que o poder que há em nossas

vidas vem de Deus e não de nós mesmos (II Coríntios 4.7).

Certo teólogo, por quem tenho grande respeito, disse que esse terceiro pedido providencial poderia ser: “seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”, porque ele acreditava que Jesus estava dizendo que devemos pedir ao Pai do Céu que faça Sua vontade em nossos vasos terrenos, como Ele faz Sua vontade no céu. Se a vontade de Deus for feita em nós, então será feita na terra, através de nós.

Os três pedidos “Deus em primeiro lugar” ensinam que o discípulo não deve entrar em seu quarto, para sua oração em particular, ou fazer orações em público com uma lista de pedidos, como se fosse uma lista de compras, com todos os seus itens e exigências para Deus.

Quando o discípulo de Cristo ora, deve se aproximar de Deus com uma lista em branco e pedir que Deus a preencha com as coisas que Ele quer que o discípulo faça. Tanto nas orações em secreto, como nas orações em público, o discípulo de Cristo deve ser como o soldado que se apresenta ao seu superior, ao seu Rei.

Quando Jesus ensinou os três pedidos, “Deus em primeiro lugar”, antes dos pedidos pessoais, Ele estava ensinando que a oração não consiste em persuadir Deus a fazer a nossa vontade.

Na oração verdadeira, a nossa vontade está em alinhamento com a vontade de Deus e em total submissão a ela. A oração não visa nos fazer sócios de Deus ou encaixar Deus em nossos planos. A oração-modelo de Jesus é para que Deus nos faça Seus parceiros e nos conduza para a realização dos Seus planos.

### **Os pedidos pessoais**

#### **“Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia...”**

Devemos continuar enfocando o conjunto de pedidos “Deus em Primeiro Lugar”, ao mesmo tempo que enfocamos o aspecto do “Dá-nos...”, nesta oração que Jesus nos ensinou. Os três pedidos “Deus em Primeiro Lugar” devem focar a nossa motivação, quando buscamos a Deus com nossos pedidos pessoais.

Por que queremos que Nosso Pai que está nos céus nos dê o pão de cada dia? Pedimos ao nosso Pai Perfeito que está nos céus que nos dê o pão de cada dia, porque desejamos de todo coração ver Deus honrado e glorificado na terra, através de nós.

Esta oração de Jesus ensina que temos de orar “cada dia”, apresentando nossas necessidades de criaturas ao Criador e Pai dos Céus.

Observe que Jesus finaliza o capítulo 6 de Mateus com esta mesma ênfase: *“Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal”* (34). Em outras palavras, viva um dia de cada vez.

No primeiro pedido pessoal desta oração, Jesus usou o pão como símbolo representativo de todas as nossas necessidades. A referência ao pão não se limita à necessidade que temos por alimentos, mas se aplica a todas as nossas necessidades, como criaturas de Deus.

Devemos consumir pão todos os dias para sustentar nossos corpos, assim como necessitamos nutrir nossa alma, diariamente, com o maná dos céus.

### **“Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos os nossos devedores”**

Os três pedidos pessoais seguintes referem-se às nossas necessidades espirituais. O segundo pedido é de perdão, seguido de orientação e livramento. Definitivamente, o princípio de “um dia de cada vez”, que vimos no pedido do pão de cada dia, também deve ser aplicado aos três pedidos pelas nossas necessidades espirituais. Precisamos a cada dia do perdão, da orientação e do livramento de Deus. Os quatro pedidos, portanto, são: “Dá-nos o pão de cada dia e também perdão, orientação e livramento”.

### **“E não nos deixes cair em tentação...”**

De acordo com Tiago, *“Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta”* (Tiago 1.13). Diante disto, por que o Senhor nos ensinaria a fazer ao nosso Pai do Céu, que a ninguém tenta, esta oração: *“não nos deixes cair em tentação”*?

Tenho certeza de que a base para este pedido está no ensino presente em toda a Bíblia de que não somos uma fortaleza, quando o assunto é tentação. Jesus fez uma avaliação precisa das condições humanas, quando disse: *“O espírito está pronto, mas a carne é fraca”* (Mateus 26.41).

Quando Jesus estava passando pela pior crise da Sua vida e pediu que os apóstolos orassem com Ele, eles adormeceram. Jesus, então, os acordou e disse: *“Levantem-se e orem para que vocês não caiam em tentação”* (Lucas 22.46). É possível que Jesus quisesse que eles entendessem o seguinte: “se vocês conhecessem o poder do maligno e como são fracos na carne, estariam acordados, orando para enfrentarem a tentação”.



Quando Jesus ensinou a orar: *“não nos deixes cair em tentação”*, Ele estava sendo consistente com a avaliação que fazia da nossa carne, que nada mais é que *“a natureza humana sem o tratamento de Deus”*. Podemos parafrasear este terceiro pedido pessoal assim: *“Não permitas que sejamos confrontados com a tentação, para não cometermos pecado”*.

### **“...mas livra-nos do mal”**

Em um antigo hino de autoria de Martinho Lutero somos alertados sobre este inimigo espiritual, que não deseja o nosso bem. Ele está sempre em oposição a tudo o que Cristo quer fazer em nós e através de nós. O poder e as artimanhas de Satanás são grandes e o seu ódio é inigualável. Não fosse o socorro do Senhor, por meio do Espírito Santo, em nossas vidas, nós, por nossas próprias forças, estaríamos perdidos! Por esta razão, o pedido para sermos libertos do nosso inimigo também deve ser feito todos os dias.

### **A doxologia “Deus em primeiro lugar”**

*“...porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém”*. Jesus também nos ensinou a iniciar e a terminar nossas orações com o pensamento *“Deus em Primeiro Lugar”*: *“Venha o Teu Reino”* e *“Teu é o Reino”*.

Quando Jesus prescreveu esta doxologia, estava ensinando a encerrar nossas orações com o compromisso de dar a Deus a glória pelos resultados das respostas dEle aos pedidos definidos nesta oração-modelo.

### **Resumo**

A oração-modelo de Jesus ensina que devemos dirigir nossas orações ao Deus Pai. A orientação não é para orar a Jesus ou ao Espírito Santo, mas a Deus, nosso perfeito Pai dos Céus. Depois, a oração deve ter três pedidos providenciais, que são: Teu Nome, Teu Reino e Tua vontade. Estes três pedidos providenciais são seguidos de quatro pedidos pessoais: dá-nos, perdoa, não nos deixe cair e livra-nos. Finalmente, somos instruídos a finalizar nossas orações, confessando que, como o poder para respondê-las pertence a Deus, vamos sempre dar toda glória a Ele. E que assim seja!

## A disciplina do jejum

Assim como dar e orar, Jesus ensinou que a disciplina espiritual do jejum também deve ser vertical (6.16-18). Observe que Jesus não disse “se você jejuar”, mas sim, “quando você jejuar”. Ele falou para Seus discípulos que, quando eles jejuassem, não o demonstrassem exteriormente, através de uma expressão contristada, mas, ao contrário, que expressassem alegria ao jejuarem.

Assim como contribuir ou doar é uma oportunidade para avaliar o nosso nível de compromisso “Deus em Primeiro Lugar”, o jejum nos oferece a ocasião propícia para medirmos se é o espiritual ou o físico que tem mais valor para nós e, também, para demonstrar a sinceridade das nossas orações. De acordo com Jesus, alguns milagres só acontecem com oração e jejum (Mateus 17.21).

## Os valores verticais do discípulo

*“Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas, acumulem para vocês tesouros nos céus, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois, onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração. Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz. Mas, se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são! Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro”* (Mateus 6.19-24).

Jesus, então, passou a falar dos valores do discípulo que vive as bem-aventuranças. No dicionário, encontramos as seguintes definições para valor: “O preço atribuído a uma coisa; estimação, valia”. Uma das razões porque as pessoas no sopé da montanha têm problemas é porque elas não têm valores bons, valores corretos. Para ter a influência do sal e da luz sobre a multidão, os discípulos de Jesus devem ter os valores que Ele ensinou.

Depois da declaração inicial que ensinou aos discípulos, que não deveriam se desgastar para conseguir tesouros, os quais se depreciavam ou podem ser roubados, Jesus fez três observações muito importantes sobre valores. A primeira observação é o padrão, pelo qual os discípulos de Jesus podem medir seus valores: “Pois onde estiver o

*seu tesouro, aí também estará o seu coração*”. Em outras palavras, “mostre-me o seu tesouro e eu saberei como é o seu coração e quais são os seus valores”.

Jesus continuou apresentando um desafio que pode ser expresso pela pergunta: “Como vemos as coisas?”. Quando Jesus disse: “*Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz*”, Ele estava se referindo ao conceito ou à disposição mental dos discípulos. Bons valores são a diferença entre um corpo cheio de luz (alegria, pureza, bênçãos) e um corpo cheio de trevas ou infelicidade. O alerta de Jesus é que os valores errados levam à infelicidade. Como já observamos, os líderes do mundo, como os que já mataram milhões na China, na Rússia e na Alemanha, têm uma disposição mental errada e o resultado são grandes trevas para todo o mundo.

A terceira observação sobre valores é um chamado de Jesus. Os discípulos não podem ter uma visão espiritual dupla e, ao mesmo tempo, serem seguidores de Jesus. Eles não podem servir a dois senhores.

### **Aplicação pessoal**

Precisamos atender ao chamado de Jesus. Estamos dedicando nossas vidas a tesouros eternos ou a tesouros temporais? De acordo com Jesus, esta pergunta será respondida depois de analisarmos nossas atividades ou ocupações diárias; nossas atitudes ou aquilo que ocupa nosso pensamento durante o dia; nossas ansiedades e preocupações cotidianas; nossa lealdade a quem ou a que servimos. Jesus ensinou que um discípulo Seu não pode servir a Ele, como Senhor, e servir a qualquer outra coisa ao mesmo tempo. Ele fez esta declaração no contexto do seu ensino sobre valores, deixando claro que o Seu conceito de discípulo baseia-se na sua escolha de servir unicamente a Deus.

### **Valores sal e luz**

*“Portanto, eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida e o corpo mais importante que a roupa? Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor que elas? Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua*

*vida? Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé?”(Mateus 6.25-30).*

Com esta forte ênfase na ansiedade, Jesus estava ensinando sobre valores. Ele perguntou ou deixou implícitas pelo menos vinte perguntas para apresentar esses valores. Por exemplo: O que é o corpo? Quanto você vale? Por que você se preocupa com aquilo que foge do seu controle? Você crê que o Deus que alimenta os pássaros e veste os lírios do campo pode alimentá-lo e vesti-lo?

*“Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ ou ‘Que vamos beber?’ ou ‘Que vamos vestir?’. Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas. Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal” (6.31-34).*

Outra pergunta para descobrir nossos valores refere-se à prioridade. Com base em nossos valores, cada discípulo de Jesus deve ter uma “prioridade alvo”. Imagine um quadro com vários círculos pintados e um alvo no centro deles. Jesus concluiu Seu ensino sobre valores, declarando que o alvo das prioridades do discípulo deve ser o governo de Deus sobre seu coração. Os outros círculos devem ser priorizados pelo Rei dos reis e Senhor dos senhores, à medida que Ele mesmo mostra qual deles deve vir primeiro. Os discípulos de Jesus têm a promessa de que todas as suas necessidades e preocupações serão supridas pelo Pai dos Céus.

Eu desafio você a confessar os valores de Jesus Cristo. Minha esposa e eu decidimos reivindicar essa promessa de Jesus, quando nos casamos e iniciamos uma igreja. Jesus a tem cumprido em nossas vidas deste 1956. Deus jamais falhou no suprimento das nossas necessidades e vai provar que essa promessa de Jesus é verdadeira na sua vida, se você fizer dEle e do que Ele quer que você faça a prioridade número um da sua vida.

## Capítulo 6

### “O Convite” (Mateus 7.1-27)

No último capítulo do Sermão do Monte, lemos que Jesus levou este Sermão a um veredicto, quando convidou Seus ouvintes a escolherem ser sal da terra ou não prestarem para nada. Jesus foi o Pregador/Mestre mais prático que o mundo já teve. Ele concluiu o “Primeiro Retiro” praticamente dizendo aos seus ouvintes: “Vocês são aquilo em que crêem. O resto é só conversa religiosa e ninguém precisa de discurso religioso!”.

Jesus ensinou Seus discípulos a olharem para dentro de si e perceberem as oito bem-aventuranças, as quais farão deles o sal e a luz de que a multidão necessita, desesperadamente. Ele também os ensinou a olharem ao redor e aplicarem essas bem-aventuranças em seus relacionamentos. Isto foi tão desafiador que os deixou prontos para ouvirem a exortação, olharem para cima e receberem o dínamo de Deus, ou seja, as disciplinas e valores espirituais de que precisavam, a fim de olharem para dentro e ao redor de si mesmos.

Agora, o desafio de Jesus é: “O que você vai fazer com tudo isso que já sabe?”. Ele, frequentemente, enfocava a aplicação prática do ensino que havia dado. Mais tarde, depois de lavar os pés dos apóstolos e lhes ensinar humildade, declarou: *“Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem”*. Ele também perguntou: *“Por que vocês me chamam ‘Senhor, Senhor’ e não fazem o que eu digo?”* (João 13.17; Lucas 6.46).

Jesus continua desafiando aqueles que tinham ouvido Seu sermão com três exortações: “Antes de descerem essa montanha, comprometam-se a olhar para dentro, ao redor e para cima”.

*“Não julguem, e vocês não serão julgados. Pois, a medida que usarem também será usada para medir vocês. Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? Tire primeiro a viga do seu olho e, então, você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão. Não dêem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e aqueles, voltando-se contra vocês, o despedaçarão”* (7.1-6).

Jesus tinha um modo peculiar para reforçar e ilustrar a verda-

de que ensinava. Por exemplo, Ele disse aos líderes religiosos que eles coavam um mosquito e engoliam um camelo (Mateus 23.24). Para dizer aos Seus discípulos que eles não deveriam ser hipócritas, Jesus fez algumas perguntas: *“Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho?”*.

Jesus fala destas pessoas, através de uma metáfora, que questiona o motivo que as levam a agir assim, achando que vão se dar bem com essa atitude. O enfoque do Seu ensino é: comprometa-se a olhar para dentro de si mesmo e tirar a viga que está em seu olho, para que possa ajudar os outros a tirarem o cisco que eles têm em seus olhos. Como este ensino começa com a frase de Jesus, dizendo para não julgarmos os outros, muita gente pensa que esta é a única verdade que Jesus está ensinando.

Na realidade, Ele estava ensinando que, quando se trata de problemas de relacionamento, o discípulo tem que deixar Deus tratar os seus problemas pessoais, antes de tentar tratar os problemas dos outros; por isso, não devem ser severos no julgamento.

A instrução de Jesus é para julgarmos primeiramente a nós mesmos, a fim de que, depois, possamos ajudar os outros a resolverem os seus problemas. Comprometa-se a olhar primeiramente para dentro de si mesmo, sem se esquecer que a mesma medida que você usar para medir os outros será usada pelos outros para com você.

O ensino sobre pérolas e porcos resume o desafio de nos relacionarmos com os nossos adversários ou pessoas que são adversas ao Evangelho. Embora não devamos medir esforços para as alcançarmos, não precisamos chegar ao ponto de um desgaste tal, que nos leve à situação que Jesus descreveu como *“desperdiçar pérolas com porcos”*. Não dá para viver sem discernimento ou com discriminação, mas devemos administrar com sabedoria nossas vidas e ministérios.

A segunda exortação é um chamado para um compromisso de olharmos para o alto: *“Peçam e lhes será dado, busquem e encontrarão; batam e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta. Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!”* (Mateus 7.7-11).

No capítulo 6, está registrada a exortação de Jesus para olharmos para o alto e recebermos os valores e disciplinas espirituais que vêm de Deus. Agora, Ele está chamando para um compromisso pleno e incondicional de aprender e aplicar essas disciplinas e valores que Ele ensinou, quando os desafiou a olharem para o alto.

Em grego, o tempo verbal usado indica uma ação contínua. Estes versículos, portanto, podem ser assim parafraseados: “Peçam e continuem pedindo, porque aquele que pede e continua pedindo recebe”. A questão é que Jesus está desafiando Seus discípulos a olharem, continuamente e com perseverança, para o alto. Buscar e bater é o mesmo que pedir de maneira contínua e intensa. Jesus está chamando Seus discípulos a serem um povo que busque a Deus com paixão!

A exortação finaliza com a promessa impressionante de que todo aquele que pede, busca e bate com perseverança encontrará uma porta aberta, na presença de Deus. Esta promessa maravilhosa é seguida pela certeza de que, se nós, seres humanos falhos, damos boas coisas aos nossos filhos, nosso Pai do Céu, perfeito e amoroso, certamente dará muito mais aos que Lhe pedirem.

Eu não entendo por que hoje poucas pessoas ensinam acerca desse convite de Jesus. É muito triste constatar que pouquíssimos discípulos de Jesus respondam ao Seu convite para buscarem a Deus com paixão.

A terceira exortação de Jesus, antes que Seus discípulos voltassem para os relacionamentos que os esperavam ao pé da montanha, é um chamado para um compromisso incondicional de olhar ao redor: *“Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas”* (Mateus 7.12).

Na verdade, Jesus conclui Seu sermão com este versículo, conhecido como a “Lei de Ouro”, no maior ensinamento sobre relacionamento humano que este mundo já ouviu. Jesus afirma que esta simples frase sintetiza a Lei e os Profetas (o Velho Testamento), as Escrituras que existiam naquele tempo.

Certo estudioso escreveu: “Como sempre, para Jesus, as coisas mais importantes eram as coisas simples e as coisas simples eram as mais importantes”. O que Ele ensinou aqui era simples: “Escolha alguém na multidão, ao pé da montanha, e coloque-se no lugar dessa pessoa. Se você fosse essa pessoa, o que gostaria que um discípulo de Jesus fizesse por você? Quando encontrar a resposta, aja de acor-

do com ela”. Nisto se resume todo o ensino da Bíblia, no tocante aos relacionamentos humanos.

Aplice este ensino acerca da “Lei de Ouro” em seu casamento, com seus filhos, com seus pais e familiares, também com seus irmãos em Cristo e, inclusive, com os seus inimigos. Pode ser que a primeira aplicação que Jesus tivesse em mente fosse com pessoas que não conheciam nada a respeito dEle, o que torna esta Lei um distintivo para o evangelismo e as missões.

### **O convite mais importante**

Depois desses três chamados, concluídos com a “Lei de Ouro”, Jesus faz um convite desafiante aos que querem assumir o compromisso de serem Sua solução e resposta, a fim de alcançarem o mundo para Ele.

Fazer convites era bem característico no ministério de Jesus Cristo. Quando esse retiro foi organizado, o desafio era: “Você é parte do problema ou da solução? Você faz parte da multidão no sopé da montanha ou você está no topo da montanha com Jesus?”.

Este é o convite: *“Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta e apertado o caminho que leva à vida, são poucos os que a encontram”* (7.13,14).

Por três vezes, Jesus fala sobre dois tipos de discípulos professos. Nesta parte do convite, Ele cita os “muitos” e os “poucos”. Os primeiros são os que acham que existe um caminho fácil para ser solução, resposta, sal e luz, mas eles nunca conseguem transparecer o que professam.

Se você observar o que acontece com os que seguem a linha da menor resistência, que acham que existe um jeito fácil de ser parte da resposta e da solução de Jesus, decidirá não querer ser um dos “muitos”. Os “poucos”, no entanto, resistem, mesmo sabendo que o caminho não é fácil.

Os “muitos” acreditam que tudo começa com uma porta larga, seguida por um caminho também largo, plano, o qual, geralmente, termina em destruição. Os “poucos” sabem que a porta é estreita, assim como o caminho é difícil e de disciplina, mas este leva à vida. Apenas poucos encontram este caminho. O desafio é: Você faz parte dos “muitos” ou dos “poucos”?

Jesus, então, apresenta mais duas advertências: *“Cuidado com*



*os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas? Semelhantemente, toda árvore ruim dá frutos ruins. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Assim, pelos frutos vocês os reconhecerão” (7.15-20).*

Vocês são falsos profetas ou verdadeiros? Jesus ensinou a Parábola do Trigo e do Joio, na qual prevê claramente que o Seu Reino (Igreja) será uma mistura de falso e verdadeiro (Mateus 13.24-30). *“Toda árvore boa dá frutos bons”*. Árvores ruins dão frutos ruins e, jamais, poderão produzir frutos bons, assim como uma árvore boa não pode produzir frutos ruins. O desafio é: você é uma árvore boa ou uma árvore ruim? Você é um discípulo falso ou verdadeiro? Que tipo de fruto você está produzindo?

Agora, preste atenção: *“Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!”* (Mateus 7.21-23).

Você é um dos que apenas falam ou você é dos que realmente fazem a vontade do Pai?

Jesus finaliza seu sermão, advertindo: *“Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente, que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela não caiu, porque tinha seus alicerces na rocha. Mas, quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato, que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. E foi grande a sua queda”* (7.24-27).

Estas palavras finais de Jesus continuam desafiando “aqueles que falam e aqueles que fazem”. O último desafio é para aqueles que ouviram este ensino e nunca o aplicaram; pessoas que não possuem um fundamento em suas vidas e em sua profissão de fé. Quanto aos que ouviram e aplicaram o que Jesus ensinou, têm suas vidas e sua fé edificadas sobre um fundamento indestrutível.

Com esta metáfora, Jesus nos ensinou que a vida é feita de tempestades e ninguém está imune a elas. A vida que está construída sobre a obediência aos Seus ensinamentos sobrevive às tempestades, mas o que simplesmente ouve a Palavra e não lhe obedece, dificilmente sobreviverá. Que tipo de discípulo você é?

As últimas palavras que lemos são a resposta do povo que estava nos arredores do topo da montanha, observando o estilo de ensino de Jesus: *“Quando Jesus acabou de dizer essas coisas, as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino, porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei”* (7.28,29).

### **Conclusão**

Você é um dos que apenas falam ou você é dos que realmente fazem a vontade do Pai?

Jesus o convida, como convidou Seus discípulos, a ser parte da Sua solução para as multidões que andam na escuridão, sem esperança. Leia esses três capítulos repetidas vezes e peça a Deus que o ajude a não apenas entender, mas a obedecer e viver de acordo com Seu ensino. Depois, *“peça, e lhe será dado; busque, e encontrará; bata, e a porta lhe será aberta”* (Mateus 7.7).

Se você decidiu se tornar um discípulo de Cristo, minha oração é que Deus use este livro para ajudá-lo e encorajá-lo a ser uma luz brilhante onde Deus, estrategicamente, o posicionou.

**DESAFIO FINAL**

Você quer nascer de novo? Você quer ter a qualidade de vida eterna, sobre a qual João fala neste Evangelho? Você está pronto para tomar a decisão mais importante do mundo e crer na declaração de Jesus Cristo? Você está disposto a oferecer sua vida, incondicionalmente, a Jesus? Você já decidiu receber agora o maior poder do mundo e se comprometer a seguir Jesus Cristo? Se você quer começar sua jornada de fé espiritual com Jesus, abra seu coração e faça esta oração a Deus comigo: **Querido Pai do Céu, confesso que sou pecador e que confio em Seu Filho, Jesus Cristo, como meu Salvador. Coloco toda a minha confiança na morte de Jesus na cruz, para o perdão de cada um dos meus pecados. Eu rejeito e renuncio a todos os meus pecados. Quero desfazer o divórcio entre mim e Ti. Dá-me a fé para crer que Jesus ressuscitou dos mortos e entrar no meu coração, na minha vida, e ter um relacionamento comigo. Neste momento, eu declaro, pela fé, que Jesus Cristo é meu Senhor e meu Salvador e entrego minha vida, de maneira incondicional, ao Seu controle e direção. Faça com que eu esteja em perfeito alinhamento com o que o Senhor sempre desejou para minha vida. Ajuda-me na minha caminhada, seguindo Seu Filho, Jesus Cristo; ajuda-me a confiar em Seu poder e autoridade, a fim de que a minha vida seja para Sua glória e exaltação. Obrigado (a) pela minha eterna salvação. Amém** (João 1.12,13; 3.3-8; Efésios 2.8-10; Filipenses 1.6; 2.13; I Pedro 1.22,23).